



Sistematização dos
20 anos
da Incubadora
Tecnológica
de Cooperativas Populares
da Universidade
de São Paulo



Sistematização dos
20 anos
da Incubadora
Tecnológica
de Cooperativas Populares
da Universidade
de São Paulo

À querida professora
Sylvia Lesser de Mello *in memoriam*

Projeto “ITCP-USP: Economia Solidária na Região
Oeste de São Paulo: Sistematização de experiências,
formação e fortalecimento das iniciativas”

COORDENAÇÃO Prof. Dr. Reinaldo Pacheco da Costa

EQUIPE DO PROJETO E DE ANA LUZIA ALVARES DE LAPORTE

PROJETO E DE DIEGO DOS SANTOS VEIGA DA SILVA

ELABORAÇÃO DO TEXTO ERICA APARHYAN STELLA

MAYARA KISE TELLES FUJITANI

OLIVIA LEME IBRI

REINALDO PACHECO DA COSTA

VERA SOARES

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO
MAYARA KISE TELLES FUJITANI

DEDICATÓRIA Esta obra é uma homenagem à
nossa querida Sylvia Lesser de Mello

Realização



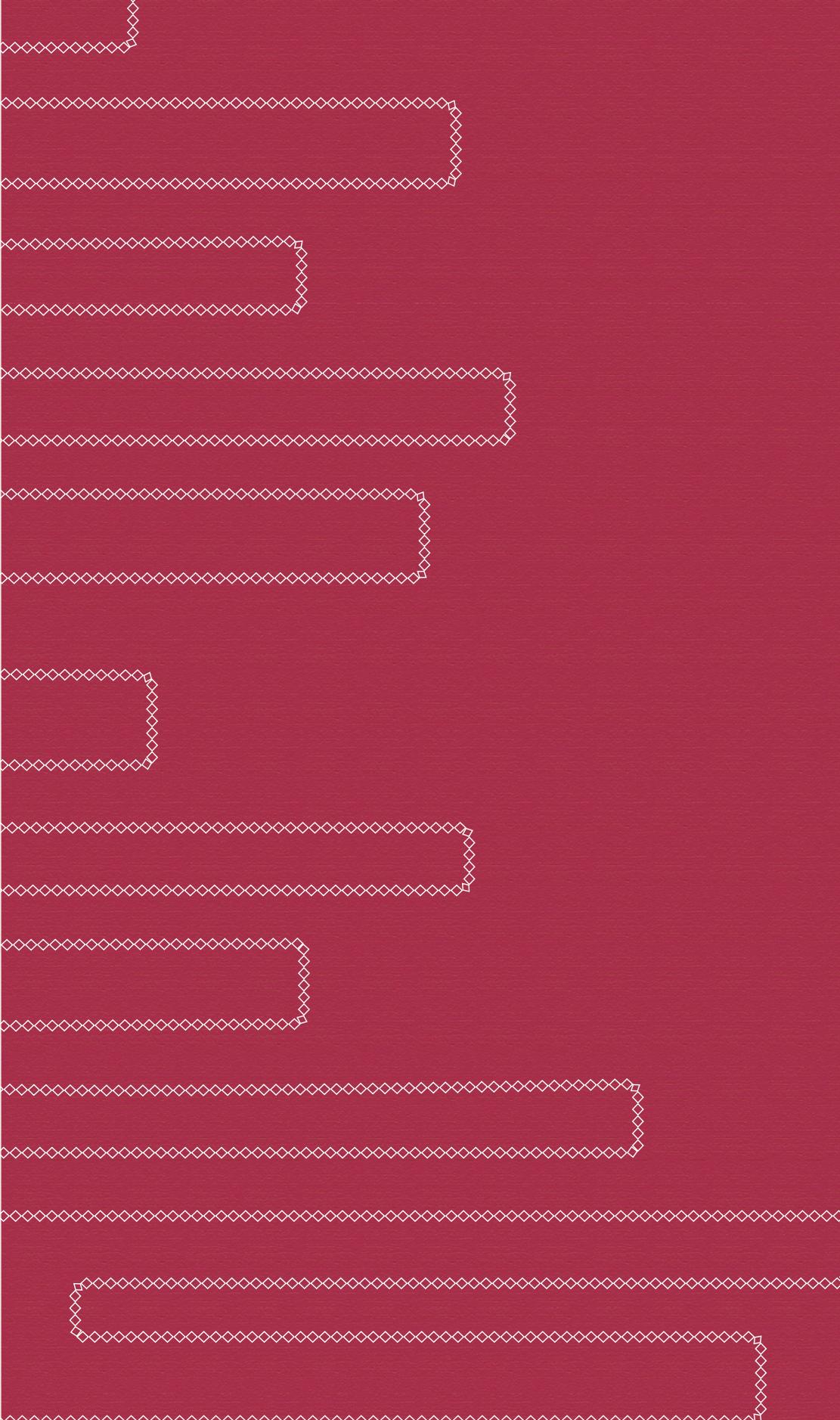
Apoio

Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP / Sistematização dos 20 anos da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP. São Paulo, 2021.

60 f. : il

Coordenador: COSTA, Reinaldo Pacheco da.

1. Economia Solidária. 2. Autogestão. 3. Cooperativismo.
4. Incubadoras Universitárias de Cooperativas Populares.



Sistematização dos
20 anos
da Incubadora
Tecnológica
de Cooperativas Populares
da Universidade
de São Paulo

Ana Luzia Alvares de Laporte

Erica Aparhyan Stella

Mayara Kise Telles Fujitani

Reinaldo Pacheco da Costa

Vera Soares

organizadores

Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares

Universidade de São Paulo

2019

ÍNDICE

linha do tempo

[p.10]

01.

Abertura

[p.13]

02.

Introdução

03.

1998 > 2001

[p.16]

3.1 | A criação das ITCP's

[p.17]

3.2 | A criação da ITCP-USP: antecedentes

[p.20]

3.3 | O início das atividades: Formação da Cooperbrilha e das bases metodológicas da ITCP

04.

2002 > 2005

Ações da ITCP-USP junto às | 4.1
Prefeituras Municipais: Antecedentes

[p.25]

A ITCP - USP e as prefeituras | 4.2
de Guarulhos e São Paulo

[p.27]

05.

2006 > 2011

- [p.30] 5.1 | Reestruturação depois da (primeira) crise
- [p.33] 5.2 | Continuidade dos trabalhos na Zona Sul e Oeste de São Paulo e a experiência de articulação estadual das ITCPsO início das atividades: Formação da Cooperbrilha e das bases metodológicas da ITCP
- [p.36] 5.3 | Parceria com Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis

06.

2012 > 2016

- Continuidade do trabalho com o MNCR: a dupla formador-catador [p.38] 6.1
- Rearranjos e reconstruções [p.39] 6.2
- A criação dos Pontos de Economia Solidária e Saúde Mental - novas articulações com a prefeitura e outros projetos [p.41] 6.3

08.

Temas transversais

- [p.48] 8.1 | A incubadora e as Políticas Públicas
- [p.50] 8.2 | Desafios da autogestão dentro da Universidade
- [p.53] 8.3 | A viabilidade econômica nos grupos e da própria ITCP

07.

2017 / 2018

- [p.44] 7.1 | A conjuntura e ações atuais: Fortalecimento no território do Butantã.
- [p.46] 7.2 | O futuro?

01.

Abertura*

Diego Veiga

Em terreno constituído prioritariamente por hierarquias e herméticas identidades previamente instituídas, um programa de extensão nasce em 1998. Possibilita um território para a livre reflexão coletiva, onde estudantes e trabalhadores (professores e técnicos) são de fato ouvidos e constroem coletivamente saberes e ações. Não sendo iguais, mas tendo as suas identidades e trajetórias preservadas e valorizadas.

Um programa que não é um fim em si mesmo. Percebe e se implica com o que ocorre no exterior à universidade pública. Não quer somente produzir conhecimento, que, é claro, possui a sua importância. Mas quer ir além e, de fato, se implicar com os reais problemas sociais e, a partir destes, construir com os demais atores envolvidos alternativas de transformação da realidade.

Esta instituição ímpar, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo, que tem o professor Paul Singer, a professora Sylvia Leser, a professora Sônia Kruppa e o professor Reinaldo Pacheco da Costa enquanto peças centrais desta instituição, em que cada integrante compõem, de maneira única, um potente e belo mosaico capaz de transformar a trajetória de muitos dos que passaram por ela. Tanto dentro, quanto fora da universidade.

Este texto foi escrito por Diego Veiga, integrante do NESOL, que também participou da equipe de sistematização dos 20 anos da ITCP-USP. Diferente do restante do documento, resolvemos destacar a autoria desta parte, por se tratar de um texto com uma poesia bem própria e característica do autor.

[*]

Para comemorar esta importante data, além de um seminário de homenagem ao professor Paul Singer e de comemoração de 20 anos de existência, organizamos esta publicação enquanto um início de resgate da experiência vivida na instituição.

O pilar desta publicação é uma trilha da história destes 20 anos. Mostra os cenários, mas sem se aprofundar nas paisagens. Nas florestas tropicais, é fácil se perder em meio a tanta riqueza. Foi escolhido

então um relato simples, com leves sinuosidades, mas que cumpre o papel de mostrar os rastros por onde passaram essas histórias vividas.

Mas sem dúvida, como não poderia deixar de ser, são rastros cheios de detalhes. Olhares sobre projetos, incubações e experiências, são amarradas a descrições e reflexões sobre as suas especificidades pedagógicas, a coordenação, a importância dos conflitos, das redes e incluem, também, a sua própria institucionalidade.

Durante este percurso de construção, muitos, para além dos que ainda se encontram no cotidiano desta instituição, se somaram a caminhada e merecem ser lembrados:

Vera Soares, Sylvia Leser, Ana Luzia Laporte, Diego Veiga, Erica Aparhyan, Mayara Fujitani, Olivia Ibri e Reinaldo Pacheco da Costa se doaram de maneira mais ativa, tanto à organização e construção desta publicação, quanto ao seminário.

Henrique Nascimento, Ana Luisa da Silva, Paolo Viola, Rogério Mambro, Giovana Port, Luciana Moizes Pinto, Bernardo Svartman, Ana Luzia Laporte, Mariana Almeida, Mariana Giroto, Thais Mascarenhas, Vanessa Sigolo, Regiane Nigro, Mariana Giroto, Gabriel Trettel, Luciana Pelacani, Elisangela Soares, Pedro Naletto, João Conrado Fabri, Isabella Vallin e Ligia Bensadon também tiveram uma dedicação importantíssima para a construção desta experiência. Nos contaram suas histórias vividas neste território da incubadora e nos permitiram, a partir delas, mostrar que essa é uma instituição construída e reconstruída constantemente pelas e para as pessoas. Então, nada mais justo que as experiências destas pessoas sejam a espinha dorsal deste relato.

Mas, de fato, sem Ana Luzia Laporte e Vera Soares este trabalho final não teria acontecido. Além de puxar e se debruçar na árdua tarefa de transformar uma colcha de retalhos de fragmentos vividos nestes 20 anos em um todo coerente, realizaram um verdadeiro trabalho arqueológico buscando textos elaborados por integrantes da incubadora em todos estes períodos. Muitos ajudaram, é claro! Mas sempre sabemos quando pessoas especiais fazem o trabalho acontecer.

Estes textos selecionados estão disponíveis no site da ITCP (link para acesso está no índice), compondo um acervo de reflexões produzidas pela ITCP nos 20 anos de sua existência, elas auxiliam a nos abastecer, de maneira mais aprofundada, das reflexões em voga em todos os períodos da incubadora.

São textos elaborados no decorrer destas duas décadas que foram escolhidos entre os já publicados, inéditos, apresentados em congressos e, também, feitos para este trabalho.

Eles estão divididos em três categorias. Diretrizes Metodológicas, com trabalhos que refletem sobre a metodologia usada pela incubadora, seu processo de construção e sistematização; Metodologia de Incubação, com trabalhos que apontam de maneira mais concreta as ações da incubadora com base principalmente em estudos de caso; e, por fim, Depoimentos Livres sobre a experiência do trabalho na incubadora.

Este trabalho possibilitou também especiais reencontros, grandes celebrações, criou uma reconexão sincrônica de todas as gerações de formadores. De diversas regiões de São Paulo, do Brasil e do mundo, esta rede (re)construída de lembranças, afetos e experiências.

Por fim, é necessário pontuar que uma escolha metodológica foi feita. O olhar escolhido poderia ter sido a partir da vivência de diversos atores envolvidos no trabalho da incubadora, mas, em virtude do momento vivido pela instituição, de reconstrução a partir de um quase fim, escolhemos que faríamos o melhor possível pela perspectiva do nosso lugar de fala. E é a partir dele, com contribuições de pessoas que passaram por empreendimentos acompanhados pela incubadora, que esta obra é narrada.

02.

Introdução

A **Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo** (ITCP-USP) se constituiu, em 1998, como um *programa de extensão universitária*, primeiro vinculado à Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais (CECAE) e depois à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, e chegando em 2018 aos seus 20 anos de existência. Durante este período, a ITCP-USP se tornou uma fonte de experiência única na Universidade de São Paulo, transformadora para muitos que tiveram a oportunidade de se envolver com os seus projetos e atividades. Foram funcionários, professores, estudantes e comunidade externa à universidade que relatam o quanto a ITCP-USP foi um divisor de águas em suas vidas.

O processo de construção de autonomia coletiva a partir de práticas autogestionárias é uma das principais características que diferencia o *programa de extensão* ITCP-USP de outras práticas institucionais dentro da USP. Não importa se é professor, funcionário ou estudante, todos participam, aprendem, constroem e se transformam juntos, buscando superar as hierarquias típicas e consolidadas da universidade.

O trabalho de extensão da ITCP-USP, pautando a autogestão de maneira central para a geração de trabalho e renda, é hoje reconhecido pelos coletivos internos e externos à universidade, participantes de diversas maneiras e formas da experiência autogestionária: cooperativas, associações de produção e consumo, bancos comunitários entre outros.

Em meio à riqueza da história da ITCP-USP nestes 20 anos, foi desenhado um projeto de chamada pública¹ que teve dentre suas metas sistematizar essas experiências. Com este projeto, desde o início do ano de 2018, o resgate dessa experiência foi realizado e é aqui sistematizado.

Chamada Pública no
27/2017 CNPQ - MTE -
SENAES.

[1]

Formador é o termo utilizado para designar professores, funcionários, alunos e ex-alunos que atuam na incubadora com trabalho de extensão na formação de cooperativas populares.

[2]

Além das reuniões para a construção coletiva deste texto, pesquisas de dados/informações e de atividades organizadas pela equipe da ITCP-USP com convidados, foram realizados também cinco encontros com foco na recuperação de experiências vividas em cinco períodos históricos de atuação da ITCP (1998 - 2001; 2002 - 2005, 2006 - 2011, 2012 - 2016, 2017 - 2018). Em todos estes momentos foram convidados ex-formadores² para auxiliar na recuperação da história da ITCP. Além do resgate do passado, também foram foco dos encontros as reflexões acerca de 5 temas fundamentais para a atuação da incubadora: extensão e educação popular; políticas públicas; autogestão; movimento de economia solidária e movimentos sociais; e viabilidade socioeconômica de empreendimentos de economia solidária.

Este texto foi gerado a partir de diversas mãos colaboradoras e organizado por temas dentro dos períodos históricos destacados. As histórias aqui narradas foram justamente as destacadas nos encontros de sistematização. Além deste texto, também compõe esta publicação uma seleção de trabalhos acadêmicos (artigos e textos apresentados em congressos e seminários) e os escritos dos ex-formadores sobre temas que contribuíram para nortear a ação da ITCP em determinados períodos; são textos que fundamentam as metodologias escolhidas, as estratégias de ação, ou que aprofundam a descrição e reflexão sobre os trabalhos desenvolvidos nestes vinte anos. Esta produção mostra a riqueza de assuntos, áreas de conhecimento e disciplinas envolvidas na obtenção e sistematização de conhecimentos sobre a economia solidária, trabalho associado e a autogestão.

A presente publicação está assim constituída de duas partes: resgate da trajetória da ITCP-USP por período histórico e textos escolhidos. A primeira é apresentada neste texto, a segunda ficará disponível [neste link](#).

Atuação ITCP: 1998 > 2001

Resíduos

 COOPERVIDA - Catadores

Serviços

 Grupo de mulheres



Paróquia São Patrício -
CooperBrilha

 Favela São Remo



VERSO - Cooperativa de
Psicólogos

Alimentação

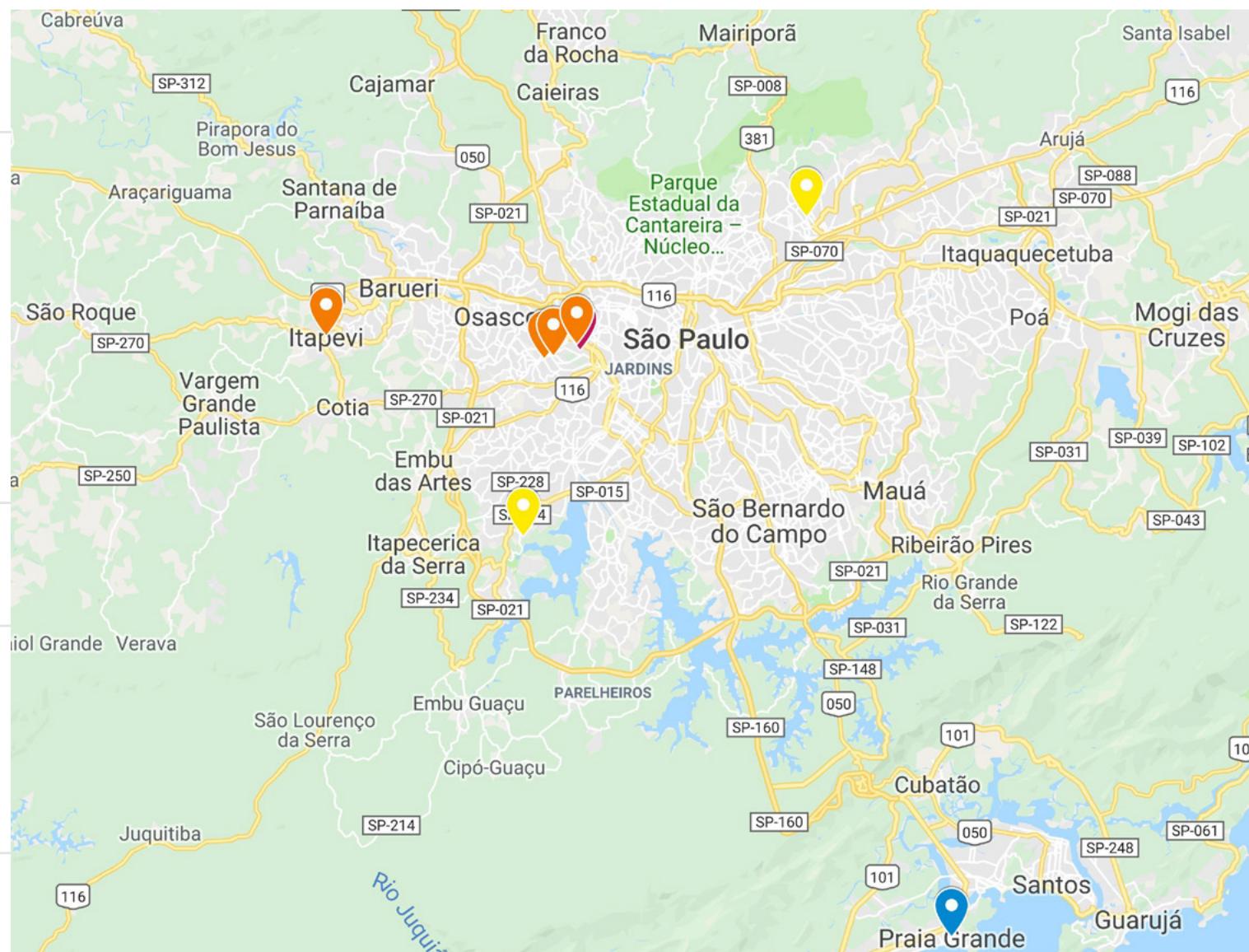
 Cooperativa Sabor

Cursos [Cooperativismo]

 Projeto Escola Itinerante



Programa Oportunidade
Solidária - Jd. Ângela



03.

1998 > 2001

3.1 A criação das ITCPs

As primeiras ITCPs surgiram na década de 1990 num contexto de implementação de políticas e projetos econômicos neoliberais, tanto no Brasil como na América Latina, marcados pela diminuição do Estado e com privatizações de empresas. O contexto dos anos 90 era de uma profunda crise econômica no país, expressa pela redução dos postos de trabalho, aumento das desigualdades, do desemprego e da fome³. Como resposta a este cenário houve uma intensa organização social para o enfrentamento das desigualdades e do desemprego, que emergiu juntamente com a organização dos movimentos sociais pela redemocratização do país.

Dados do DIEESE para 2002 e 2003 mostram taxa de desemprego de 20% para São Paulo (Anuário DIEESE 2015). [3]

Dentre as iniciativas, destaca-se a “*Ação da cidadania contra a fome, a miséria e pela vida*”, campanha que teve como expoente Hebert de Souza, o Betinho⁴. Esta ação foi parte de um movimento da sociedade civil na busca de saídas para além do enfrentamento da fome, focando também nas questões do trabalho, emprego e renda. É dentro desta iniciativa que surge o COEP (Comitê de Entidades no Combate à Fome e pela Vida), do qual participaram entidades da sociedade civil e empresas públicas.

Herbert José de Sousa, conhecido como Betinho, era sociólogo e ativista dos direitos humanos. [4]

Foi a partir deste movimento que surgiu a primeira incubadora universitária de cooperativas populares (ITCP), vinculada à COPPE (Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós Graduação e Pesquisa de Engenharia) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A COPPE foi convidada pela Fundação Oswaldo Cruz para construir uma proposta de geração de trabalho e renda com a comunidade de Manguinhos que está situada nos arredores do campus principal daquela Universidade. Assim, a iniciativa buscava estabelecer uma outra relação, de construção conjunta, entre a comunidade e a universidade e, ao mesmo tempo, contribuir com as condições de vida desta

A proposta de criação de cooperativas de trabalho estava em discussão e estudos em diversos outros lugares do país. Na Universidade Federal de Santa Maria, em 1994, havia um curso sobre cooperativismo, onde foi criada uma feira anual dos produtores da região. Esta feira é até hoje ativa e conta com a participação de milhares de pessoas. Também, com o impacto social do fechamento de algumas fábricas surgiu, em 1994, a Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e de Participação Acionária (ANTEAG) a partir da experiência de uma empresa de calçados (Makerli, em Franca, SP) que faliu e passou a ser operada pelos próprios trabalhadores sob a forma de cooperativa. Estas empresas ficaram conhecidas como "empresas recuperadas". Na Universidade Federal do Ceará também na mesma época, se iniciavam estudos e propostas para o cooperativismo. O Movimento Nacional do Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em 1993, inicia a primeira turma do curso Técnicos em Administração Cooperativa para jovens agricultores assentados. Por outro lado, é preciso apontar que na COPPE já estava em andamento o apoio à criação de empresas de tecnologia, chamadas de Incubadora de Empresas Tecnológicas.

[5]

população e gerar renda. A proposta era a criação de cooperativas de serviços que viabilizassem trabalhos para o próprio campus em Manguinhos.

O projeto foi coordenado por Gonçalo Guimarães que propôs, em 1995, a criação da ITCP-UFRJ⁵. Para financiar a iniciativa foi criado um Programa de incentivo à ITCP junto ao Banco do Brasil, que integrava o COEP. Em maio de 1998 foi organizado - por Gonçalo Guimarães e a ITCP-UFRJ o *Seminário Nacional para Divulgação da Incubadora de Cooperativas*, onde além da apresentar a experiência, também se discutiu a criação de um programa de apoio àquela iniciativa e outras que viessem a se agregar. Para a criação do conhecido Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRONINC), pela Financiadora de Projetos (FINEP), houve a exigência de que, pelo menos, cinco universidades públicas, além da UFRJ, estivessem envolvidas na proposta, o que aconteceu já em 1999 como veremos adiante.

3.2 A Criação da ITCP-USP: Antecedentes

O grupo que inicialmente se articulou para a criação da ITCP na USP estava vinculado à CECAE (Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais), uma instância, criada em 1988, junto a Reitoria da USP, com o intuito de auxiliar as unidades universitárias nas atividades de extensão. Posteriormente, em 2011, suas atividades passaram para a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão.

A CECAE fazia uma crítica à forma como a extensão era concebida na universidade, e como era levado o conhecimento para fora. Tinham como princípio a responsabilização da universidade para a troca de conhecimento com a comunidade externa e, também, visavam fortalecer o papel dos estudantes nas ações, apoiando alunos com propostas de projetos. O trabalho desenvolvido era interdisciplinar e já havia uma atuação com micro-empresas. Realizavam o acolhimento e incubação de projetos e contribuíam com a distribuição orçamentária destinada às atividades de extensão dentro da USP.

Um dos focos de atuação da CECAE foi a relação com a Comunidade São Remo (vizinha da USP). Havia um grande incômodo sobre como a USP instrumentalizava a relação com esta comunidade, sobretudo para realizar suas pesquisas e trazendo nenhum retorno à São Remo. Retomando o histórico desta relação, foi nos anos 1990

Link de matéria sobre a morte do jovem: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff061101.htm>.

[6]

que o muro ao redor da USP foi construído na tentativa de impedir o acesso à universidade desta comunidade. Em 1996 houve uma tragédia marcante nessa relação: um jovem de 15 anos foi encontrado morto na raia da USP⁶ e foram feitas diversas acusações de que sua morte teria ocorrido pela ação de seguranças do *campus*. No mesmo período, foi empossado o novo Reitor Jacques Markovich, que buscou construir uma outra relação com a comunidade, dando resposta diferente aos conflitos, sem o aumento de medidas de segurança e afastamento da comunidade. Para isso, foi criado o projeto Avizinhar⁷ que se mantém ativo até hoje e que na época envolvia aproximadamente 400 crianças da São Remo, tendo agora o nome de Aproxima-Ação.

Programa criado em 1998 com o propósito de estabelecer uma relação harmoniosa entre a universidade e a população em situação de vulnerabilidade das imediações. O foco do trabalho que realizam até hoje é a educação em meio aberto com as crianças, adolescentes, famílias, escolas e outros atores, estabelecendo também redes de cooperação.

[7]

Nesse contexto, a equipe da CECAE desenvolveu, também, o Programa Disque Tecnologia, um serviço da USP cuja proposta foi disponibilizar a competência da USP para microempresas ou empreendedores visando o fornecimento de informações capazes de ajudar na solução de problemas específicos de natureza tecnológica, produtiva ou de gestão, para quem geralmente não tinha condições próprias de pesquisa e desenvolvimento. A CECAE estava também buscando alternativas para a questão da geração de trabalho e renda realizando diversas atividades neste sentido. Souberam da experiência da ITCP-UFRJ, foram visitá-la já com a intenção de montar a ITCP-USP.

Paralelamente a esta equipe da CECAE, havia na USP um grupo - liderado pelo professor Paul Singer da Faculdade de Economia e Administração (FEA), dedicado ao estudo das experiências históricas de autogestão. Este grupo de estudos era composto por estudantes da FEA e do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH).

Além da articulação com o grupo de estudos coordenado pelo professor Singer, a CECAE buscou docentes de áreas diferentes e acolheu estudantes. A idéia da articulação entre ensino/pesquisa e extensão era compreendida como necessária para a produção de conhecimento, e a interdisciplinaridade era condição para pensar soluções para os problemas reais.

Foram convidados professoras e professores com alunos e alunas interessados no tema, além do Professor Singer, Lisete Arelaro da Faculdade de Educação (FE), Sylvia Leser do Instituto de Psicologia (IP), Francisco Satiro da Faculdade de Direito (São Francisco), João Amato Neto da Escola Politécnica (Poli) e Fernando Haddad da Ciências Sociais (FFLCH).

No começo de 1998, a professora Lisete não pôde mais participar e indicou a professora Sonia Kruppa (FE),

que também trouxe alunos da faculdade de educação. Cada um dos professores se articulou ao grupo de alunos de sua faculdade e, assim, a ITCP já se iniciou com uma equipe multidisciplinar e como projeto de extensão.

A partir deste núcleo ocorreram muitas discussões sobre cooperativismo e o formato que a incubadora deveria ter. O desenho inicial da estrutura, concebida pela CECAE, teve como base a estrutura da ITCP/UFRJ. Era uma proposta muito operacional, três equipes distintas, cada uma responsável pelo trabalho específico de: 1) formação em cooperativismo, 2) viabilidade econômica e planejamento, e 3) jurídico e gestão. O processo de formação da cooperativa deveria ocorrer a partir destes três âmbitos.

Os integrantes do grupo que inicialmente formou a ITCP/USP, além das atividades relativas ao trabalho com a comunidade, também realizavam estudos sobre cooperativismo, educação popular com apresentações dos professores e alunos. O cooperativismo convencional era criticado e não servia de base para as ações que se iniciavam, havia uma crítica e distanciamento de dois tipos de cooperativa existentes, tanto as cooperativas que internamente eram mais hierárquicas e não tinham como princípio a autogestão, quanto as “coopergatos”, cooperativas formadas pelos patrões para não pagar os direitos trabalhistas dos empregados.

Como esta atividade tinha uma perspectiva democrática, todos os formadores tinham liberdade para participar de outros grupos, e a maioria da equipe acabava também por participar das atividades do grupo da formação, começando a alterar, na prática, a estrutura inicial. Foi criada também uma comissão executiva para anotar as demandas imediatas, pois não havia secretaria neste momento.

Os professores trabalhavam a autonomia de todos no processo, a atuação e a responsabilidade dos que estavam construindo. O professor Singer tinha uma postura muito democrática e sempre estimulava a participação e a reflexão crítica, apresentando vários textos para debates.

Alguns professores iam a campo, como a Profa. Sonia Kruppa à Igreja de São Patrício (Rio Pequeno) e com a Profa. Sylvia na São Remo, enquanto o Prof. Singer tinha uma participação mais ativa no Conselho Orientador, que era a Assembléia geral dos membros da ITCP. A participação destes se dava de maneira democrática; eles se colocavam como mais uma pessoa que participava das decisões, mas, é claro, com a respectiva autoridade construída por conta das suas experiências.

De forma geral, podemos dizer que para a criação das ITCPs, concorreram três elementos: a crise social e econômica vivida no país com aumento do desemprego e das desigualdades; uma mobilização da sociedade

na busca de saídas para o desemprego; e nas universidades, debates e discussões sobre o significado da Extensão Universitária. Esta proposta de criação das ITCP encontrou funcionários empenhados no papel social das universidades, professores desenvolvendo ou buscando trabalhos baseados na realidade social do país, e estudantes buscando participação em atividades além do que havia de convencional no movimento estudantil.

3.3 O início das atividades: Formação da Cooperbrilha e das bases metodológicas da ITCP

As atividades da ITCP começaram sem financiamento e a incubadora solicitou recursos para a FINEP. Também não ocupava um espaço próprio, só uma sala de 3m X 3m na CECAE, no prédio que naquela época era denominado de Antiga Reitoria. Foi no início de 1999 que a ITCP-USP passou a ocupar o barracão⁸ situado atrás da FEA, hoje com um novo endereço nas Colméias, Favo 38. Naquele momento, uma parte dele foi ocupado pelo programa Avizinhar.

O primeiro financiamento da ITCP foi em 1998, a partir de 6 bolsas da então Coordenadoria de Assistência Social (COSEAS - USP), solicitadas por professores e divididas entre os alunos para custear os gastos do trabalho de campo. Em 1999 a ITCP conseguiu financiamento do Banco do Brasil e da FINEP, em conjunto com as universidades que integraram o primeiro PRONINC, e que constituíram as primeiras ITCPs: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Federal do Ceará -UFC; Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); e a Universidade de São Paulo (USP).

As reuniões à época eram semanais. A equipe se encontrava para planejamento e depois, no mesmo dia, realizavam a formação na Igreja São Patrício. Como não tinham nenhuma fonte de recursos no início da instituição, partilhavam as despesas com a gasolina do carro. Para o café das oficinas realizavam o “café solidário”, onde cada um, seja formador ou participante do curso, auxiliava trazendo ou fazendo alguma coisa.

Nos primeiros anos da ITCP-USP, as reuniões com todos integrantes ocorriam às sextas-feiras com vistas à organização do trabalho; as conhecidas *Reuniões do Conselho Geral*. Estas reuniões semanais começavam às 14h e chegavam, algumas vezes, até as 3h da manhã. As equipes de trabalho se reuniam durante a semana

[8] *Os barracões foram estruturas criadas na época da construção do Campus, para abrigar unidades da USP que estavam se mudando para a Cidade Universitária. O barracão que hoje abrigou por 20 anos a ITCP-USP foi utilizado, primeiramente, para uma biblioteca do curso de Veterinária e depois passou para o departamento de Psicologia, quando era utilizado como um de seus laboratórios de pesquisa de desenvolvimento comportamental. Em 1998, quando a ITCP-USP estava sendo criada, houve uma negociação entre a CECAE e o Instituto de Psicologia quando o espaço foi solicitado pela professora Sylvia Leser e cedido para se tornar a sede da ITCP.*

para preparar as oficinas e outras atividades em andamento. A equipe definiu uma estrutura preliminar de funcionamento que foi gradativamente sendo modificada com a prática das atividades de campo.

Inicialmente, as comunidades próximas ao *campus* da USP foram delimitadas como público prioritário para os processos de incubação, integrando com o trabalho que o Projeto Avizinhar já realizava com estas comunidades. O início das atividades da incubadora, se deu junto à comunidade da Igreja São Patrício, no Rio Pequeno, aproveitando o espaço que os projetos da CECAE já tinham conquistado. Foi proposto um curso de cooperativismo realizado na Paróquia São Patrício que acolheu e também mobilizou os interessados na comunidade. No primeiro dia, os trabalhadores foram todos com as carteiras de trabalho, pois imaginavam que seriam contratados pela universidade. O curso durou de novembro de 1998 até junho de 1999. Em junho de 1999 foram realizadas a formatura e o lançamento oficial da Incubadora. O grupo da São Patrício decidiu formar a Cooperativa de Trabalho Força da Lua Brilhante, a Cooperbrilha.

A Cooperbrilha foi a primeira cooperativa apoiada pela ITCP-USP, uma cooperativa de prestação de serviços diversos. Neste processo houve a oportunidade de um contrato de trabalho em conservação de jardins na Escola Politécnica da USP. Os trabalhadores foram capacitados em jardinagem através de curso oferecido pela Prefeitura da Cidade Universitária.

Os desafios foram enormes: realizar um processo de sensibilização aos princípios do cooperativismo; da prática da educação popular e educação permanente; e da prática da gestão democrática com participação coletiva em um grupo com integrantes com baixa ou nenhuma escolaridade e pouca experiência no trabalho autônomo, coletivo e democrático.

Tendo em vista o ineditismo de um trabalho com esta proposta, além de ter como princípio a autogestão no processo tanto interno quanto externo, a construção metodológica se deu em caráter experimental. E, a partir desta primeira experiência, foi realizada uma sistematização que constituiu a base metodológica de incubação⁹ da ITCP-USP.

A metodologia de trabalho permeava todas as ações. O café para o curso, por exemplo, deveria ser feito por um grupo compartilhando os insumos. Esta ação era refletida com todos os participantes do curso que tinham que definir quem e como fariam. Do simples organizar o café já se experimentava o processo autogestionário e a construção de acordos com o grupo, além de ser um gatilho para discussões sobre viabilidade econômica deste

[9] *Incubação foi o nome dado para o processo de extensão realizado pela ITCP-USP. A intenção era constituir um grupo produtivo que seria amparado pela universidade até o momento que conseguisse atuar sozinho, sendo, desta forma, desincubado. A desincubação também foi um tema que gerou muito debate, se deveria ou não acontecer. O Professor Paul Singer, por exemplo, acreditava não havia esta necessidade. Para saber mais sobre o tema da desincubação, sugerimos consultar o artigo "Sistematização dos Trabalhos de Pós-Incubação" desta publicação*

fazer. Outras comissões também foram formadas para a organização do espaço.

O passo seguinte ao curso foi dar continuidade, na própria comunidade São Remo, à realização do processo de formação, que veio a ser chamado de incubação. Os participantes da Cooperbrilha participaram ativamente na elaboração e execução deste processo.

Inicialmente, a ITCP/USP seguiu a proposta inicial da ITCP/UFRJ, ou seja, as cooperativas criadas, quando nas vizinhanças da universidade, deveriam ser contratadas para realizar serviços na própria universidade, como tinha ocorrido em Manguinhos. E neste momento já estava proposto o projeto de lei n.1670/96, que permitia ao serviço público a contratação deste tipo de cooperativa para realizar serviços nas suas dependências. Em um primeiro momento, estas contratações puderam acontecer, mas posteriormente foram proibidas pelo governo.

Na medida em que ocorriam as formações nas cooperativas, o princípio da autogestão passou a se incorporar também na prática da ITCP. Este processo de atuação democrática dentro da universidade acabou se construindo enquanto princípio da organização do trabalho na Incubadora. Para se ter coerência no processo de incubação, o qual trabalha centralmente a construção da autogestão para o desenvolvimento do grupo produtivo, não havia como, para os integrantes do programa, realizar as atividades formativas sem ter a experiência do que é autogestão na prática.

A proposta de estrutura inicial que organizava a Incubadora em três equipes se modificou, atendendo os princípios da educação popular, da autogestão e da interdisciplinaridade. Esta reflexão levou ao surgimento dos GPEMs, Grupos de Ensino, Pesquisa e Extensão Multidisciplinar, formados por alunos e técnicos que semanalmente discutiam, planejavam e realizavam atividades educativas, sendo o elo principal de ligação entre a ITCP e os grupos e, também, responsáveis pelos Cursos Iniciais de Cooperativismo e pelo processo de Incubação. Esta estrutura de organização, inicialmente aplicada a Cooperbrilha, se consolidou como parte da estrutura de gestão e planejamento da ITCP-USP, tendo em vista o princípio da autogestão¹⁰.

Resgatar o espaço universitário, propício às elaborações interdisciplinares, e unir de forma “indissociável” o ensino, pesquisa e extensão deveriam ser os objetivos das ações de cooperação que se desenvolvem junto à população.

Outro espaço fundamental de constituição interdisciplinar é aquele do Conselho Orientador - estrutura de deliberação das ações gerais da Incubadora -, composto por todos (professores, técnicos e alunos) que dela

Para saber mais sobre a metodologia de incubação e os GPEMs, sugerimos consultar os artigos “Cooperativas Populares, uma nova perspectiva para a Universidade” e “O processo de Formação-Metodologia” desta publicação.

[10]

participam e que se reúne mensalmente.

Por fim, como um terceiro elemento nessa construção interdisciplinar, foi a criação de um Espaço de Formação que, semanalmente, discutia temas de forma a propiciar o diálogo e intercâmbio dos diferentes conhecimentos acadêmicos presentes na Incubadora com vistas ao cooperativismo. A agenda desse espaço foi feita de forma participativa e tendo como referência as necessidades trazidas pelo processo de Incubação, visando fortalecê-lo e abrir novas formas de interação entre os segmentos que compõem a Incubadora. Os princípios metodológicos e as metodologias de incubação e orientação das ações na ITCP-USP que marcaram os diversos períodos estão exemplificados nos textos, que compõem a Parte: *Diretrizes Metodológicas* desta publicação.

A seguir relataremos com maior enfoque as experiências desenvolvidas no âmbito dos trabalhos com políticas públicas. É importante ressaltar que neste período, também foi dada continuidade às ações de incubação da Cooperbrilha e de outras cooperativas dentro da universidade. Para um aprofundamento maior sobre estas cooperativas indicamos consultar o texto sobre Pós-incubação que compõe esta publicação.

Atuação ITCP: 2002 > 2005

Alimentação



Cooperativa Monte Sinai - FAU USP



Cooperativa Mãos na Massa - CRSANS

Agricultura



Cooperativa Cultivar - rede de agricultores

Cursos [Cooperativismo]



Programa Oportunidade Solidária - Jd. Ângela



Projeto Escola Itnerante



Programa Oportunidade Solidária - Campo Limpo

Serviços Digitais



Cooperativa Microlhar

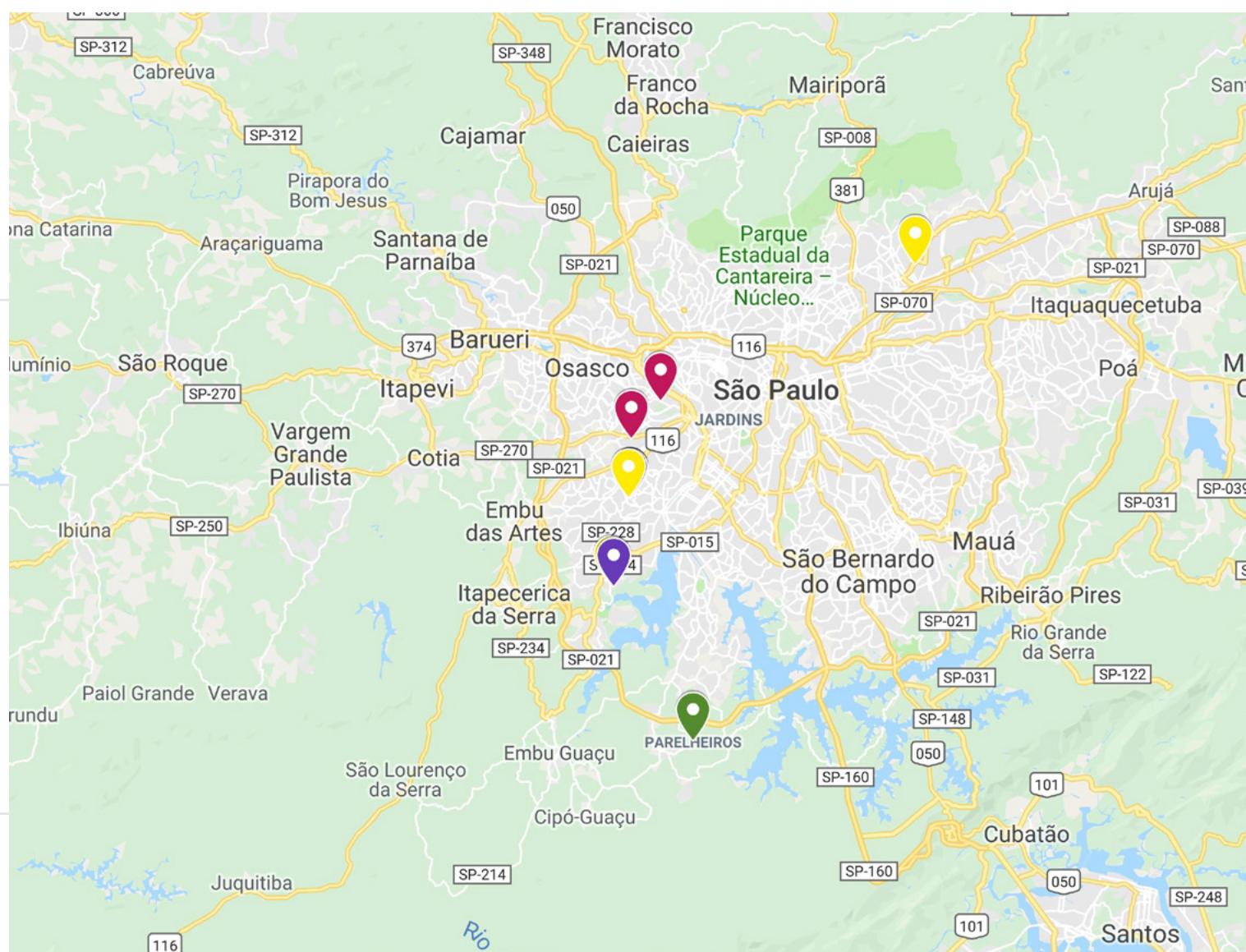


Cooperativa Alpha.com

Costura



Cooperativa Maria Mariá



04.

2002 > 2005

4.1 Ações da ITCP-USP junto às Prefeituras Municipais: Antecedentes

Segundo o IBGE o desemprego na época vinha em um crescimento constante. Em 1992 estava em 6,5% chegando em 9% em 1999 apresentando um aumento de 38,46%.

[11]

No fim dos anos 1990, o país vivia um contexto de grande desemprego¹¹ e em busca de alternativas à crise estrutural do trabalho. Foi em 1999 que houve a exibição de um episódio do programa Globo Repórter sobre cooperativismo, a partir do qual a ITCP começou a ser mais demandada. Por outro lado, as prefeituras municipais também iniciaram atividades de apoio à geração de renda como consequência da crise. Assim, uma das demandas que surgiram para ITCP-USP foi de servidores do município da Praia Grande que atuavam com catadores. Este processo estruturou a primeira relação institucional com uma prefeitura. A ITCP realizou a incubação do grupo, tendo também como base o trabalho com agentes locais e iniciou a reflexão sobre políticas públicas. Porém, esta forma de atuação só foi discutida mais profundamente em 2001, a partir do contrato com a prefeitura de Guarulhos e depois com Prefeitura de São Paulo. A parceria com a Praia Grande não foi mantida por conta da mudança municipal de governo em 2000.

Outro momento marcante desta relação foi o projeto com a Secretaria Estadual do Emprego e Relações do Trabalho (SERT), que durou até 2002 e abarcou um curso de formação sobre cooperativismo, a partir do qual a ITCP teve sua atuação ampliada para diversas regiões do estado de São Paulo. Neste processo, foi necessário ampliar o número de formadores e, para tanto, foi realizada a primeira “formação de formadores” estruturada. Esta se deu a partir de um curso de formação dos alunos, anterior à prática da extensão (idas a campo). Foi a partir deste momento que se iniciou um processo temporal mais demarcado. A entrada de formadores era,

quase sempre, via formação dos novos em grupo (turma), que era preparada pelos “velhos”, que já estavam na incubadora.

Em relação à atuação em campo, até o ano de 2001, o enfoque foi a incubação de grupos, e não se pautava mais amplamente o desenvolvimento local ou política pública. Um dos temas do período que acabaram sendo aprofundados foi a importância do trabalho autogestionário.

Nesta época, a ITCP se via como uma das mais radicalizadas entre as incubadoras, por ter, de fato, uma prática interna autogestionária que, como já foi pontuado, era uma característica vista internamente como a mais coerente para o trabalho desenvolvido. A autogestão vista como um processo de construção de um outro modelo de sociedade, se contrapondo a hierarquia e meritocracia. Este posicionamento político colocava a instituição na contramão ideológica de outras incubadoras, que dentro de suas estruturas diferenciavam técnicos e professores dos alunos, constituindo relações internas de poder mais verticalizadas. Neste sentido, uma das características que caracteriza a ITCP-USP é a coordenação que sempre foi composta por alunos e professores, eleitos a partir do voto direto de seus membros, em sua maioria estudantes.

Outro ponto relevante que merece ser destacado, em relação ao trabalho desempenhado no período, foi a incubação de grupos não populares, ou seja, com pessoas que não estavam em situação de vulnerabilidade social. Foi iniciada a incubação de dois grupos universitários: o Escritório Piloto da POLI (que posteriormente constituiu a cooperativa Integra) e a cooperativa Verso (cooperativa multidisciplinar que atuava com projetos e também na área da psicologia).

Também neste período, com a entrada de recursos da FINEP, em 1999, foi estruturada a secretaria da ITCP. Este movimento foi importante pois este é um trabalho altamente demandante e essencial para o funcionamento adequado da incubadora, mas que tem caráter de atividade-meio¹². Nesse sentido, alocar estudantes ou professores nessa atividade-meio os afastava das atividades-fim de estudo, pesquisa e, principalmente, extensão universitária. Ainda assim, a despeito da importância desse trabalho, sua existência está vinculada a uma fonte de financiamento, ou seja, em momentos sem recursos ou com recursos escassos, a secretaria volta a ser desenvolvida pela equipe técnica da ITCP.

[12] *Atividade-meio são todas as atividades que não estão ligadas diretamente ao trabalho de campo realizado, mas que são fundamentais para que este ocorra, como os trabalhos de atender o telefone, registrar demandas, organizar a documentação, elaborar ofícios, etc.*

4.2 A ITCP - USP e as prefeituras de Guarulhos e São Paulo

Os trabalhos com as prefeituras de São Paulo e Guarulhos se iniciaram em 2001. No âmbito do projeto com Guarulhos foi realizada a *Escola Itinerante*, um processo muito rico de atuação com grupos organizados e também de formação de base para trabalhadores que procuravam a Secretaria do Trabalho daquela prefeitura. Participavam do projeto na cidade de Guarulhos dez formadores e as ações já eram desenvolvidas na perspectiva do desenvolvimento local. O trabalho se estruturou com os grupos organizados que procuravam a secretaria de Guarulhos e eram atendidos pela Incubadora. Os trabalhadores não organizados eram atendido pelo programa bolsa auxílio desemprego da Prefeitura de Guarulhos.

Para saber mais sobre o Projeto com a Prefeitura de São Paulo, sugerimos consultar o artigo "Projeto São Paulo - a ITCP-USP na Zona sul de São Paulo" desta publicação.

[13] Além da atuação em Guarulhos, outra experiência marcante no período foi com a Prefeitura de São Paulo¹³, na gestão da prefeita Marta Suplicy. Esta criou a Secretaria de Desenvolvimento do Trabalho e Solidariedade (SDTS) que teve como secretário Marcio Pochmann. Paul Singer foi, então, convidado para discutir a concepção da secretaria e ele compreendia que seu trabalho com a SDTS era tanto como docente, quanto como integrante da Incubadora. Assim, foi concebido o *Programa Oportunidade Solidária* articulado às políticas de redistribuição de renda (renda mínima, bolsa trabalho e o "começar de novo"). Os beneficiários recebiam a bolsa, participavam de um curso de cooperativismo por 6 meses e, quem quisesse formar cooperativas recebia mais 6 meses de acompanhamento e assistência.

Inicialmente, a ITCP desenvolvia os cursos no distrito do Capão Redondo com um público de aproximadamente 1500 pessoas. Em 2002 a atuação se ampliou para o Jardim Ângela. Já havia um público de 3500 pessoas nos cursos e a ITCP tinha mais de 60 formadores. Neste período foi necessária uma alteração estrutural no espaço da ITCP, a antiga sala onde ocorriam os encontros do conselho orientador da instituição não mais dava conta da quantidade de formadores. Foi necessário um outro espaço para continuar a estrutura horizontal do conselho e as paredes da sala foram quebradas, formando um salão mais amplo.

Moedas sociais são instrumentos para facilitar as trocas entre produtos e serviços. Funcionam como a moeda oficial, mas tem uma validade restrita a um território, grupo ou atividade pontual. No caso a moeda futuro tinha a validade somente durante as feiras de trocas.

[14] No Jardim Ângela foram propostas atividades para acelerar a criação dos grupos e a possibilidade de associação entre as pessoas, como uma feira organizada pelos participantes. Esta deu origem a proposta de organizar um clube de trocas, que era realizado no espaço do Clube da Turma na zona sul. Os encontros eram aos domingos e a moeda social¹⁴ usada era o "futuro". Esta atividade acabou por incentivar a criação de vários grupos de trocas na cidade.

A partir do processo de formação dos 3500 trabalhadores, foram criados, aproximadamente, 25 grupos de diversas áreas, como *software*, costura, alimentação, cuidadores de idosos, etc. O trabalho com os grupos trazia novos questionamentos, sobretudo sobre como articular e fortalecer esses grupos, e a necessidade de voltar a ter uma relação mais próxima com eles.

No segundo semestre de 2002, havia aproximadamente 15 entidades fomentando o cooperativismo popular na cidade de São Paulo. A própria ITCP-USP incubou a montagem de outras incubadoras como as da FGV (Faculdade Getúlio Vargas) e da PUC (Pontifícia Universidade Católica). Os empreendimentos já estavam em fase de incubação e o número deles estava aumentando. Esta expansão das atividades e crescimento da demanda gerou, em 2003, uma grande crise interna. Existiam diversos conflitos a respeito do papel dos formadores e da ITCP na construção da política pública com a prefeitura, sobretudo se deveria se contrapor e cobrar mais do Estado, ou atuar como parceiro que estava co-criando a política de forma menos combativa.

Um acontecimento deste período, que foi marcante na conjuntura e impactou diretamente o trabalho foi a eleição do Presidente Lula para a presidência da república. As articulações para a construção de políticas nacionais da Economia Solidária já haviam se iniciado na campanha presidencial e a ITCP-USP esteve muito presente nesse processo. Quando Lula foi eleito presidente, convidou o Prof. Paul Singer para ir para o BNDES, porém o movimento de economia solidária avaliou que seria melhor criar uma instância no executivo, específica às políticas de fomento da economia solidária. Em 2003, o Prof. Singer foi para Brasília como Secretário da recém-criada Secretaria Nacional da Economia Solidária (Senaes), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego. A ida do Professor Singer para Brasília fragilizou a ITCP e, além dele, outros formadores também foram compor a Senaes.

O fim da atuação com as prefeituras, por conta das mudanças de gestão, aumentou a fragilidade institucional e as dificuldades de redirecionar perspectivas de trabalho. Havia um sentimento de que havíamos aceitado um trabalho maior que a nossa capacidade organizativa.

Outro fato marcante deste período foi a criação do NESOL-USP (Núcleo de Economia Solidária da Universidade de São Paulo). Este foi criado por ex-formadores da ITCP-USP que queriam manter uma atuação com Economia Solidária, após a conclusão de seus cursos de graduação. Desde 2003 até 2008, foram realizados anualmente, pelo Nesol, os (3) Encontros Internacionais de Economia Solidária¹⁵, com objetivo de criar espaço de reflexão e crítica sobre as temáticas da economia solidária na América Latina e no mundo.

<http://sites.poli.usp.br/p/augusto.neiva/nesol/index-jun09.htm> [15]

05.

2006 > 2011

5.1 Reestruturação depois da (primeira) crise

Em 2006, a ITCP já estava se reestruturando dos impactos vividos após o projeto com a Prefeitura Municipal de São Paulo e com a criação da Senaes. Neste processo, foi dada continuidade ao trabalho focado em regiões: a zona sul e também a região oeste de São Paulo. Um dos projetos realizados na zona sul foi o “Mercado-Escola”¹⁶, o qual realizou a incubação articulada de 5 empreendimentos das áreas de: costura, alimentação e produção de sabão ecológico. Os empreendimentos tomavam crédito de um Banco de Trocas Sociais (BTS) para a compra de insumos e a devolução era em moeda social (Futuro) que eles conseguiam levando seus produtos para trocar no Clube de Trocas do Jardim Ângela¹⁷, que ocorria na Paróquia Santos Mártires. Assim, o projeto desenvolveu um processo de incubação em rede, que abarcou, desde o acesso ao crédito, até a produção e comercialização dos produtos.

Com o desenvolvimento das ações foi conquistado, em 2007, um importante espaço na zona sul de São Paulo, o Centro de Referência em Economia Solidária da Zona Sul, no Largo do Campo Limpo. O processo se deu em uma grande articulação com entidades da região do Campo Limpo e possibilitou a construção e incubação da Rede Solidária da Zona Sul¹⁸. Esta tinha como objetivo, além da articulação entre empreendimento e entidades do território, constituir-se enquanto uma incubadora local. O espaço abrigava, inicialmente, os grupos Alpha.com (Cooperativa de informática incubada a partir do programa Oportunidade Solidária), Vida em Ação (Grupo de costureiras) e a Rede Zona Sul.

Uma das ações frequentes desse período era o mapeamento de novos empreendimentos para serem incubados. A partir deste, foram incubados os empreendimentos Microlhar¹⁹ (grupo de jovens que atuava com

Para saber mais sobre o Projeto “Mercado Escola”, sugerimos consultar o artigo “Projeto Mercado-Escola - Desenvolvimento Local” desta publicação.

[16]

Para saber mais sobre Clubes de Trocas e o Clube de Trocas do Jardim Ângela, sugerimos consultar o artigo “Incubando um Clube de Trocas: Proposta de Desenvolvimento Local” desta publicação.

[17]

Para saber mais sobre a Rede de Economia Solidária da Zona Sul, sugerimos consultar o artigo “Rede Solidária da Zona Sul de São Paulo: dois anos depois...” desta publicação.

[18]

Para saber mais sobre a incubação do empreendimento Microlhar, sugerimos consultar o artigo “Jovens e o trabalho coletivo” desta publicação.

[19]

formação e audiovisual), C&C Modas (costura) e Bela Rosa Noivas (costura). A idéia era articular os novos grupos a uma ampliação do BTS (Banco de Trocas Solidárias), porém o projeto que amparava esta ação não permitia liberar recursos para viabilizar o crédito para os grupos e, desta forma, não foi possível inserir os novos empreendimentos no Clube de Trocas. Esta dificuldade, de acesso à capital diretamente pelos grupos via editais públicos, caracterizou-se como um dos grandes entraves no apoio aos empreendimentos, não somente no trabalho das ITCPs, mas também do próprio movimento de economia solidária no geral. Em relação aos grupos de costura, para viabilizar capital, foi articulada uma rede de coletivos que se desenvolveu de 2007 a 2009. A partir desta foi possível conseguir equipamentos e insumos. Porém, não foi possível a partir de nenhum projeto conseguir capital de giro, outro gargalo central dos empreendimentos.

Visando fortalecer o Centro de Referência em Economia Solidária da Zona Sul e a Rede, foi realizado em 2007, um curso de novos formadores no Centro de Referência, junto a formação de lideranças locais que passaram a ser as Agentes Locais de Economia Solidária (ALES) recebendo remuneração prevista nos projetos de editais públicos implementados pela ITCP. Os ALES eram formadores da Zona Sul que, a partir do Centro de Referência da Zona Sul, atuavam acompanhando os empreendimentos, realizando junto com a Rede Solidária da Zona Sul a gestão do espaço e fomentando iniciativas de Economia Solidária no território.

Até o final de 2007, a ITCP também acompanhou as cooperativas Cooperbrilha, Monte Sinai (cooperativa formada pelos trabalhadores que recuperaram²⁰ o restaurante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP) e a Cooperativa do Sabor (constituída a partir da recuperação dos trabalhadores de um restaurante falido que ficava no espaço do Diretório Acadêmico dos Estudantes, DCE, da USP; ela se dissolveu por problemas jurídicos e quando o DCE entregou o espaço para a administração da universidade).

Em relação à organização interna da ITCP-USP, neste período, definiu-se a existência de alguns técnicos fixos, que teriam mais estabilidade no trabalho e, portanto, maior comprometimento com os grupos. Uma das questões de fundo desta decisão foi a rotatividade constante dos formadores da ITCP, que não permitia uma estrutura muito estável, e que, às vezes, prejudicava o trabalho.

Também na Zona Sul de São Paulo, mas no bairro de Parelheiros, em 2006, foi iniciada uma parceria com a Associação Pequeno Príncipe que atuava com agricultores na região. Este foi o começo de trabalhos relacionados a agroecologia²¹ a partir do desenvolvimento de um curso que envolveu 60 famílias na região, em 2007. Depois, em 2009, formou-se um grupo mais enxuto de agricultores e o trabalho envolvia a transição agroecológica e a

Empresas recuperadas são empresas que entraram em falência e os trabalhadores, ao invés de requerer seus direitos trabalhistas, solicitam judicialmente empresa para a constituição de uma cooperativa gerida pelos próprios trabalhadores.

[20]

Para saber mais sobre o projeto de promoção da agroecologia em Parelheiros, na cidade de São Paulo, sugerimos consultar o artigo "Mãos e Mentes Conectadas: Tecendo a Rede Colaborativa Agroecológica de Parelheiros" desta publicação.

[21]

comercialização coletiva. Devido à especificidade deste processo, a equipe do projeto também era composta por um técnico agrícola já formado e com experiência na área. Parte dos agricultores que participaram deste projeto compõem atualmente a Cooperapas (Cooperativa Agroecológica dos Produtores Rurais e de Água Limpa da Região Sul de São Paulo).

Para saber mais sobre essa articulação entre a economia solidária e a segurança alimentar e nutricional, sugerimos consultar o artigo "Estar com o mundo e com os outros - Um ensaio sobre os conceitos de Segurança Alimentar e Nutricional e Economia Solidária" desta publicação.

[22]

Outra ação que teve início em 2007, foi o projeto que articulava Segurança Alimentar e Economia Solidária²², realizado junto com o Instituto Pólis, na Zona Oeste de São Paulo, no Jardim Jaqueline. Como fruto dessa articulação, foi inaugurado em 2010 o *Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional do Butantã* (CRSAN-BT), com uma cozinha-escola e uma área de horta suspensa (devido ao espaço total ter abrigado um lixão). A atuação no local foi desenvolvida até 2012 com trabalho em rede, envolvendo diversas instituições da região e incubação de grupos locais que trabalhavam com alimentação. A partir da incubação de um destes grupos (*Cookies loucos*) se deu a primeira experiência de atuação da ITCP com Saúde Mental. Outro grupo incubado neste momento, que existe até hoje, é o *Mãos na Massa*, que iniciou suas produções e sua formação na cozinha-escola do CRSAN-BT, produzindo barrinhas de cereais.

Também em 2007, se iniciou a cooperativa Comerativamente, um grupo de consumo, reunido dentro da universidade, que envolveu vários formadores da ITCP, ocupando um pequeno espaço no barracão da ITCP. O objetivo do grupo era articular compras coletivas diretamente com produtores orgânicos, possibilitando, além de uma relação mais próxima com estes, um custo mais baixo para os compradores e renda mais alta para os produtores por eliminar a atuação de intermediários. Este grupo mantém suas atividades até hoje, consumindo de agricultores do cinturão verde de São Paulo, da agricultura familiar, movimento de reforma agrária, organizações de mulheres produtoras, entre outros.

Para além das ações focadas nas regiões da Zona Sul e Oeste da cidade de São Paulo, em 2008 a ITCP-USP recebeu o convite para atuar junto com o Movimento de Moradia, formulando um projeto para promoção da Economia Solidária em conjuntos habitacionais da cidade, construídos a partir de mutirões autogeridos. Foi concebido um projeto ambicioso, com duração de um ano, que previa : constituição de Centros de Referência nos locais, com a formação de Agentes Locais e implementação de Bancos Comunitários. A proposta era fomentar a Economia Solidária a partir do repertório de organização popular que já havia nos territórios, oriunda da luta pela moradia e construção autogerida dos conjuntos habitacionais. Os Centros de Referência seriam espaços de formação e apoio à constituição de empreendimentos no entorno.

Além do tempo curto, a implementação do projeto foi bem conflituosa. Não tanto nos locais trabalhados, mas, principalmente, entre os grupos que coordenaram o projeto: uma coordenação tripartite constituída pela ITCP-USP, a *União dos Movimentos de Moradia* (UMM-SP) e o Laboratório de Extensão da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP (LABEX-EACH). Os diferentes repertórios, práticas políticas e concepções sobre como deveria ser a gestão levaram a uma paralisia das ações, que só foi resolvida com a substituição da coordenação por uma dupla de ex-formadores da ITCP (que estavam no NESOL). Assim, foi possível desenvolver as ações, tendo como principal resultado a implementação de cinco bancos comunitários na cidade de São Paulo, quatro nos conjuntos de moradia em mutirão autogestionário, e um junto à Associação União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacentes (UPM). Este último, o Banco União Sampaio²³, tornou-se uma importante estratégia de desenvolvimento local no Campo Limpo, atuando também junto ao movimento de cultura da Zona Sul de São Paulo, a partir desta atuação foi criada a Agência Cultural Solano Trindade.

Para saber mais sobre o Banco União Sampaio, sugerimos consultar os artigos "Os sentidos da moeda social num bairro periférico de um grande centro urbano do Brasil" e "Os bancos comunitários como possíveis elos de mediação: reflexões a partir da experiência do União Sampaio na Zona Sul de São Paulo" desta publicação.

[23]

Mesmo com o encerramento do Projeto de Moradia em 2009, os bancos seguiram acompanhados por um projeto de Finanças Solidárias do NESOL na Região Sudeste; que deu continuidade até 2017 nas ações de fomento às finanças solidárias. Após o término do projeto, a ITCP e o Banco União Maria Sampaio continuaram a parceria desenvolvendo conjuntamente outros projetos.

5.2 Continuidade dos trabalhos na Zona Sul e Oeste de São Paulo e a experiência de articulação estadual das ITCPs

O ano de 2009 foi considerado, no processo de retomada do histórico, marcante na transformação do trabalho da ITCP. Inicialmente, foi destacado que, em relação ao curso de formação para o processo de entrada de novos formadores, ocorreu um aperfeiçoamento metodológico. Foi utilizada uma metodologia de autogestão do curso. A turma se organizou em comissões que dividiam os trabalhos do curso, como avaliação, monitoramento do tempo, cuidado com a infra-estrutura, sistematização e bem-estar. Este formato foi muito influenciado pelas atividades do Centro de Formação em Economia Solidária (CFES*), projeto de articulação dos formadores de economia solidária realizado em âmbito nacional e do qual alguns formadores da ITCP tinham uma participação

deste início. A divisão em “brigadas de trabalho” também é uma metodologia utilizada nas formações pelos movimentos sociais.

Quando esta turma entrou em 2010, uma das atividades desenvolvidas foi o acompanhamento da Rede Zona Sul e do trabalho das ALES. Ambas, já bem enfraquecidas pelas dificuldades enfrentadas para a continuidade das ações, principalmente a falta de recursos. Em 2011, o espaço que sediava a Rede, o Centro de Referência em Economia Solidária, foi solicitado de volta pela Subprefeitura regional do Campo Limpo e a própria ITCP-USP ficou sem financiamento para trabalhar na região. Por conta destas dificuldades, a estratégia foi concentrar as ações no fortalecimento da União Popular de Mulheres do Jardim Maria Sampaio, por meio do fomento às ações do Banco União Sampaio e às atividades dos grupos de cultura que estavam articulados ao Banco.

Em relação ao trabalho na Zona Oeste, a partir do CRSAN-BT (Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional do Butantã), foi dada continuidade à incubação dos empreendimentos Mãos na Massa (barrinhas de cereais) e Cookies Loucos; o fortalecimento do CRSAN-BT como polo de formação e desenvolvimento comunitário; e a equipe também participou ativamente do movimento de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), compondo o Conselho Municipal de SAN (COMUSAN) e construindo a Política nacional. Outra ação que se iniciou neste período, a partir de uma parceria com a Liga Solidária, foi a incubação do empreendimento Amigas Arteiras, que desenvolveu, de 2010 a 2014, tapetes com a técnica do “amarradinho”.

Para saber mais sobre o Projeto “MEC-EJA”, sugerimos consultar o artigo “Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária: Intersecções Possíveis” desta publicação.

[24]

Além destes projetos, foi iniciado em 2011 o projeto MEC-EJA²⁴, com a Universidade Federal do ABC (UFABC). Esta articulação já vinha ocorrendo desde o ano anterior com a professora Sônia Kruppa. Era uma pós-graduação em Ecosol para professores que trabalhavam com Educação de Jovens e Adultos (EJA). O trabalho era realizado com os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adulto (CIEJAs) Campo Limpo e Butantã, e tinha também aulas na UFABC e Fundação Santo André com seus professores. A partir dele foi realizada a formação em economia solidária de diversos professores da EJA que construíram ações para desenvolver o tema em seus cursos.

Para saber mais sobre o Projeto “Articulação de ITCPs”, sugerimos consultar o artigo “A ITCP-USP e a implementação de políticas públicas: os projetos Articulação de ITCPs e Cata-Rua” desta publicação.

[25]

Ainda no ano de 2011, começou a ser executado o projeto *Articulação de ITCPs*²⁵. Este foi um projeto proposto conjuntamente entre as cinco ITCPs do Estado de São Paulo para um edital da Finep/MCT. Escreveram e executaram esse projeto: ITCP-USP, ITCP-FGV, ITCP-Unicamp, NuMI-EcoSol da UFSCar e Incop da Unesp-Assis. A articulação das Incubadoras paulista já ocorria mais intensamente desde 2005, a partir dos encontros anuais de formadores da região sudeste, organizados e protagonizados pelos estudantes. Este projeto foi a primeira

experiência de gestão coletiva de um projeto entre as ITCPs paulistas.

O projeto era voltado a fomentar a articulação dessas incubadoras e à sistematização de seus conhecimentos, a partir da realização conjunta de cinco seminários temáticos, de publicações conjuntas e vídeos sobre as experiências

Cada ITCP ficou encarregada por desenvolver atividades sobre um conjunto de temas e, assim, realizar formações para o comitê gestor (composto por uma dupla de representantes de cada ITCP) que, por sua vez, deveria replicar essas formações nas suas respectivas incubadoras e com os empreendimentos incubados. As reuniões presenciais do comitê gestor ocorriam mensalmente, e nestas eram realizadas, além das formações temáticas, a organização dos seminários e das publicações. O projeto realizou cinco ciclos formativos, que duraram entre três e quatro meses cada, e culminando em seminários, que reuniam os formadores e trabalhadores dos empreendimentos, que gostavam muito dos encontros.

Os temas abordados pelo projeto foram: 1) Metodologia de incubação, autogestão e movimento de economia solidária, 2) Tecnologia social e estratégias de qualificação de processos e produtos dos EES, 3) Comercialização, consumo e finanças solidárias, 4) Autogestão, desenvolvimento territorial e políticas públicas na economia solidária e 5) Formalização, captação de recursos e políticas públicas para a economia solidária. A ITCP-USP ficou responsável por coordenar o desenvolvimento do primeiro bloco de questões.

Sobre a gestão do projeto, embora a ITCP-USP fosse a coordenadora, centralizando os processos burocráticos junto à FUSP, esta ocorria de forma compartilhada e horizontal e todas as ITCPs compuseram o Conselho Gestor, espaço em que ocorriam os processos decisórios. Nesse sentido, foi uma experiência muito rica de relações autogestionárias entre cinco ITCPs, gerando, entre outros produtos, a publicação *Articulando - Sistematização de Experiências de Incubadoras Universitárias de Cooperativas Populares*.

5.3 Parceria com Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis²⁶

Para saber mais sobre a parceria e projetos com o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, sugerimos consultar os artigos "Relações de poder no campo da reciclagem de resíduos sólidos no Brasil: um olhar através do poder em Foucault", "As estratégias da educação popular presentes na ITCP-USP: a atuação em uma cooperativa de catadoras", "A ITCP-USP e a implementação de políticas públicas: os projetos Articulação de ITCPs e Cata-Rua" e "Governança e participação social na política de catadores no projeto Cata-Rua em São Paulo" desta publicação.

[26]

Para além do projeto Articulação, neste período, foi elaborado outro projeto em conjunto com as ITCPs de São Paulo, que era voltado ao trabalho com coletivos de catadores. Este foi aprovado pela FINEP, porém a liberação de recursos não aconteceu, mesmo assim, as equipes mantiveram o trabalho e a ITCP-USP começou a acompanhar uma cooperativa no Jardim Aracaty. Foi criado o GEPEM Resíduos, em alusão aos resíduos sólidos coletados pelos catadores. Neste processo, em finais de 2010, surgiu outra oportunidade de atuação com catadores: fortalecer a Associação de Catadores Reciclando Esperança Paraisópolis - ACREP, situada na favela de Paraisópolis no Morumbi.

Estas foram as primeiras aproximações com o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Uma atuação mais direta ocorreu em 2011, incentivada pela parceria que havia entre o Comitê Oeste Paulista do MNCR e as incubadoras da Unesp (particularmente dos campi de Assis e Ourinhos).

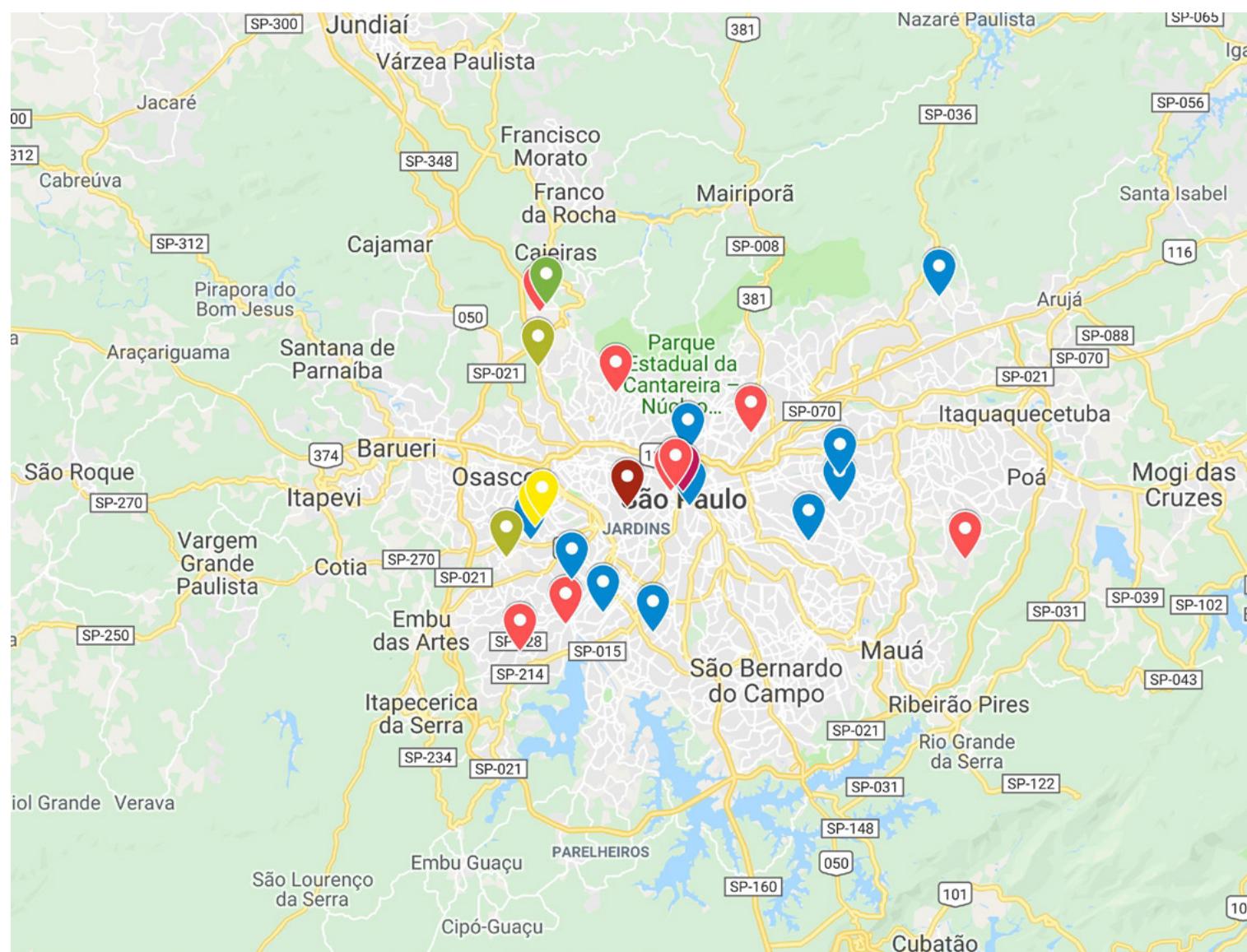
Outro fato marcante nesta relação foi a entrada como formadora de uma catadora da Cooperativa Granja Julieta, que não apenas possuía uma forte atuação no MNCR, como também era estudante universitária. A partir de sua entrada, o GEPEM Resíduos passou a acompanhar o Comitê da Zona Sul de São Paulo do MNCR, que estava em um processo de fortalecimento político e de constituição de uma rede de comercialização. Assim, essa catadora-formadora foi fundamental na articulação e diálogo com o MNCR, sempre trazendo para a incubadora seus conhecimentos sobre a atuação desse movimento social e sobre as realidades e dinâmicas sociais e econômicas do universo da catação.

O trabalho com os catadores na Zona Sul ocorreu em parceria com a ITCP-FGV. Foi desenvolvido um estudo inicial de viabilidade econômica com as cooperativas e associações dessa região, porém, alguns grupos não conseguiam participar regularmente das reuniões do comitê da Zona Sul, bem como não tinham as condições materiais (infra-estrutura e maquinário) necessárias para a comercialização em rede dos materiais recicláveis. A maioria desses grupos enfrentava grandes dificuldades, e o fato de não haver financiamento via projeto, tanto para investimentos em capital, quanto para a incubação desses grupos, restringia a atuação das incubadoras nessa frente. Ainda assim, em setembro de 2011, a rede de comercialização teve início, envolvendo duas cooperativas (Granja Julieta e CooperPAC) e uma associação (Sempre Verde), que eram as mais estruturadas.

Atuação ITCP: 2012 > 2016

Resíduos

-  Cooperativa UNIVENCE
-  Cooperativa de Trabalho e da Coleta Seletiva dos Catadores da Baixada do Glicério
-  Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis - Granja Julieta
-  Cooperativa Filadélfia
-  Projeto CataRua - Catadores Avulsos na Zona Sul de São Paulo
-  Projeto CataRua - Catadores Avulsos na Zona Leste
-  CataRua - Catadores Avulsos no Alto Tietê
-  Grupo de Reciclagem
-  Cooperativa Luta e Vida
-  Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Paraisópolis (ACREP)



Cursos



06.

2012 > 2016

6.1 Continuidade do trabalho com o MNCR: a dupla formador-catador

A partir das aproximações com o MNCR, a ITCP-USP foi convidada, no final de 2012, pela ITCP-FGV e pelo MNCR a escreverem o *projeto Cata Rua*, financiado pelo edital 004/2011 da Senaes/MTE no âmbito do Programa Brasil Sem Miséria do Ministério de Desenvolvimento Social).

A parceria com o movimento de catadores trouxe vários desafios e aprendizados. Um dos desafios era a própria falta de experiência da equipe da ITCP. Também ficou claro o quão difícil era transformar a dura realidade dos catadores e que o projeto era apenas um respiro para eles, não mudando estruturalmente sua situação de trabalho e vida. A ITCP fortalecia o movimento, ajudava a sistematizar, fazer atas, mas a cadeia produtiva na qual os catadores estão envolvidos é muito deletéria, com pouca valorização simbólica, política e financeira. No ano de 2013 se iniciou um projeto de comercialização para a Rede de Catadores na Zona Sul, mas as próprias cooperativas não estavam conseguindo se reunir e o projeto acabou não vingando.

Em relação ao projeto Cata-Rua, os formadores tiveram dificuldades com a condução do mesmo pois estavam acostumados a participar das decisões dos projetos que executavam, e no caso as deliberações eram realizadas pelo movimento de catadores. A ITCP-FGV também atuava no projeto, porém se afastou (por problemas internos e pelo recurso ser insuficiente para a equipe). Este afastamento acabou por dificultar ainda mais as relações dentro do projeto. Mas o cotidiano do projeto era muito produtivo e interessante. As ações eram realizadas por uma dupla de campo composta por um catador e um estudante. A meta do projeto era mapear os

catadores e só conseguiram por ter um catador sempre compondo a equipe auxiliando na empatia e confiança destes para passarem os dados necessários ao mapeamento.

As relações com o MNCR foram tão potentes que, mesmo depois dos projetos, alguns formadores que participaram desta construção seguiram estabelecendo parcerias e atuando com o movimento, mesmo após saírem da ITCP.

6.2 Rearranjos e reconstruções

No começo de 2012 foi finalizado o projeto MEC-EJA, bem como foi encerrada a atuação na Rede Zona Sul o que liberou formadores para outros campos, ao mesmo tempo em que muitos formadores mais antigos realizaram uma transição para o NESOL. É importante pontuar que foi somente a partir de 2011, que o NESOL passou a ter uma equipe mais permanente de trabalho, com o Projeto Regional Sudeste de Finanças Solidárias. Anteriormente, havia um grupo de ex-formadores da ITCP que se articulava para realizar os Encontros Internacionais de Economia solidária (anuais) e outros projetos mais pontuais.

Em 2012, o trabalho da ITCP-USP era na Zona Oeste (no CRSAN-BT e incubação dos grupos), com as cooperativas de catadores e projeto Articulação. Este ano também foi marcado por uma tentativa de radicalizar ainda mais a autogestão e dissolver a coordenação. Em toda a história da ITCP, a relação entre a coordenação e os formadores sempre foi fonte de muita reflexão e debate, principalmente por conta da rotatividade. A coordenação²⁷ sempre foi eleita de forma direta pelos integrantes (por consenso ou votação), composta tanto por professores, como alunos e funcionários (tendo um protagonismo dos alunos), que em geral possuíam o mandato de um ano a um ano e meio.

Para conhecer o acúmulo de reflexões sobre a coordenação na ITCP-USP, sugerimos consultar o texto "Reflexões da Coordenação não decente" desta publicação.

[27]

A tentativa de compartilhar entre todos os trabalhos da coordenação se deu, pois estes sentiam que seu trabalho era muito maçante, burocrático e acabavam perdendo a relação principal da instituição que era o trabalho de campo com os empreendimentos. Tentando lidar com a situação foi realizada uma imersão e a coordenação foi dissolvida e o trabalho foi descentralizado; mas, após um breve período, ficou claro para todos que a coordenação era necessária para o funcionamento da ITCP-USP.

O processo seguinte para a entrada de novos formadores aconteceu no final de 2013 e foi um pouco conturbado, pois a maioria entrou para trabalhar em um novo projeto aprovado pelo Ministério da Cultura (Economia Criativa), que não se efetivou, gerando mais uma crise financeira no programa.

A partir de 2014, com um novo PRONINC, foi dada sequência ao trabalho de incubação com grupos de catadores organizados, a partir de um GEPEM temático, que trabalhava com questões diversas, como a relação dos catadores com o poder público, a organização de novas cooperativas, o apoio a ex-catadores no trabalho com artesanato e o trabalho de formalização de uma cooperativa com cooperados não alfabetizados.

Em 2015, a prefeitura de Guarulhos organizou uma cooperativa de catadores e contratou a incubação da ITCP-USP para dar formações ao grupo. O começo do trabalho de formação, focado em um grupo, era difícil, pois este não possuía um galpão e o trabalho era realizado individualmente. Somente em 2016 o galpão foi conquistado, mas o grupo já havia se desgastado muito em conflitos internos e acabou se dissolvendo.

A equipe da ITCP-USP também atuou neste período com a cooperativa de catadores Filadélfia, na Zona Sul (Jardim Itapema). O coletivo já havia sido incubado e só precisavam de formações para aprimorarem o trabalho. Este processo se deu até 2016.

Outro projeto importante, que foi realizado em 2016, foi o Ações Integradas, resultante da articulação com a União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências (UPM) e o Movimento de Cultura da cidade. Foi uma parceria de trabalho com NESOL-USP, que foi contratado pela UPM, quando esta executava uma chamada pública da Prefeitura de São Paulo, especificamente da Secretaria Municipal de Assistência Social. O projeto como um todo previa: a realização de um curso de Economia Solidária para dez turmas de trabalhadores de Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo (CEDESP) e de Centros de Cursos de Capacitação da Juventude (CCJ) em toda cidade de São Paulo; formação técnica na área cultural para os jovens que participavam destes serviços; organização de eventos culturais com estes jovens; incubação e assessoria para oito coletivos de cultura na cidade de São Paulo; e organização de eventos culturais organizados em conjunto com estes coletivos. As ações da USP focalizaram nos cursos para os trabalhadores que atuavam com juventude e assessoria aos 8 coletivos culturais da cidade de São Paulo. Este projeto revitalizou a relação institucional entre a ITCP-USP e o NESOL-USP. A partir dele, também foi amadurecida uma concepção de trabalho com coletivos mais estruturados que atuavam nos territórios fazendo formação de base. O trabalho envolvia acompanhar os grupos de cultura, dando assessoria para demandas como: estudos de viabilidade econômica e escrita de projetos.

Outro movimento com o qual atuamos neste período (e seguimos até hoje) foi o MST, dando apoio a produtores no Assentamento Dom Pedro em Cajamar, sobretudo relacionado à logística e distribuição da produção. Alguns formadores que desenvolveram estas ações seguiram atuando com o movimento, mesmo depois de saírem da ITCP. Atualmente, são parceiros que realizam a logística e distribuição de produtores dos assentamentos e acampamentos da Regional Metropolitana de São Paulo.

Outros grupos apoiados no período foram: Cooperativa de Mulheres Negras do ABC - uma cooperativa de alimentação que comercializava no porão da Faculdade de Direito São Francisco - e um grupo de artesanato na Aldeia Guarani do Pico do Jaraguá, um coletivo familiar dentro da aldeia que produzia artesanato e havia uma grande demanda de discussão de questões familiares e internas da aldeia. A incubação destes grupos durou, aproximadamente, um ano cada.

6.3 A criação dos Pontos de Economia Solidária e Saúde Mental - novas articulações com a prefeitura e outros projetos

Em 2015, teve o início da articulação para a criação dos Pontos de Cultura e Economia Solidária, vinculados ao SUS enquanto equipamentos públicos da Saúde Mental. Este processo foi desenvolvido pela **Rede** de Saúde mental e economia solidária, uma rede que acumulou reflexão e experiências sobre a importância do trabalho para a saúde mental, também a partir do repertório da luta antimanicomial.

Foram implementados dois pontos na cidade: Na Benedito Calixto e no Butantã. A ITCP apoiou a implementação do segundo e continua com a parceria até hoje, com formações sobre economia solidária para a comunidade no entorno e incubação de empreendimentos que atuam no local.

Os Pontos fazem parte dos equipamentos básicos de saúde, tendo sua formalização ainda frágil, pois foram implementados a partir de uma portaria. O *Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã*²⁸ vêm se tornando um centro cultural e de articulações do bairro e da economia solidária, abrigando uma horta, ponto de entrega de produtos da agricultura familiar e orgânica, um restaurante chamado *Comedoria Quiririm*, a *livraria*

Para conhecer um pouco do trabalho e reflexões da ITCP sobre o Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã, sugerimos consultar o texto "A construção do processo autogestionário da Comedoria Quiririm no Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã" desta publicação.

[28]

Louca Sabedoria e a loja coletiva *Ponto Peabirú*. Além das atividades culturais e feiras de economia solidária e feminista que o espaço abriga regularmente.

Outro projeto iniciado em 2015 foi com a CREDIPAZ, entidade que oferece crédito a juros baixos. A idéia inicial era oferecer formações sobre viabilidade econômica para os empreendimentos que frequentavam o espaço. Mas por conta das dificuldades com ajustes de metodologias e por terem posicionamentos ideológicos divergentes, não puderam dar prosseguimento ao trabalho. Os formadores tentaram realizar diversas formações, também ligadas ao acesso a crédito, porém a parceria só durou um ano.

No final de 2015, a ITCP também realizou uma atividade junto a Unisol, que coordenou a implementação da política municipal de economia solidária na cidade, durante a prefeitura de Fernando Haddad. O projeto era voltado à formação para migrantes bolivianos, eles frequentavam a feira do Brás e trabalhavam boas práticas de alimentação, administrativa e gestão de negócio. Para o trabalho, utilizavam o espaço da incubadora pública e as formações também eram acessadas pela rede de alimentação e um outro grupo do jardim Edith. Este último grupo formou uma cooperativa de alimentação que ainda funciona.

Um tema muito aprofundado pelo coletivo da ITCP neste período foi a questão de gênero. Algumas mulheres começaram a pontuar que os homens ficavam valorizando as próprias falas e ignorando as falas femininas. Para lidar com a questão foi proposta a possibilidade de cotas para entrar na ITCP, não só de mulheres, mas também relativas à classe econômica e raça. No período, o grupo refletiu que a questão de gênero na história da incubadora não fora sempre assim, que grande parte das outras gerações tinham mais mulheres do que homens em lugares de decisão, porém não foi realizado um estudo aprofundado sobre o tema. Destas experiências e conflitos surgiu a necessidade de aproximação maior com o movimento feminista e um primeiro passo foi a participação de algumas formadoras em um encontro do Vale do Ribeira, articulado por um projeto de assistência técnica voltado para mulheres da *Sempre Viva Organização Feminista* (SOF) em 2016. Neste, conhecemos algumas mulheres do MST que tinham demanda de formações em Economia Solidária. Para dar conta da demanda, articularam com o projeto da Faculdade de Arquitetura de Urbanismo (FAU) que tinha o foco no trabalho em bambu e desenvolveram um trabalho em conjunto, tanto com formações em economia solidária quanto no desenvolvimento de produtos a partir do bambu. Este projeto foi chamado de *Bambuzeiras*²⁹.

[29] Para conhecer mais o trabalho com as *Bambuzeiras*, sugerimos consultar o texto “Desafios da extensão universitária. Uma análise sobre a formulação e aplicação de um curso de bambu para mulheres rurais, com ênfase em questões de gênero e raça” desta publicação.

Atuação ITCP: 2017 > 2018

Grupos de Cultura



Livraria Louco Saber - Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã

Agricultura



Horta - Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã



Bambuzeiras



Orgânicos do Ponto - Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã



Cooperativa Agropecuária de Cajamar

Alimentação

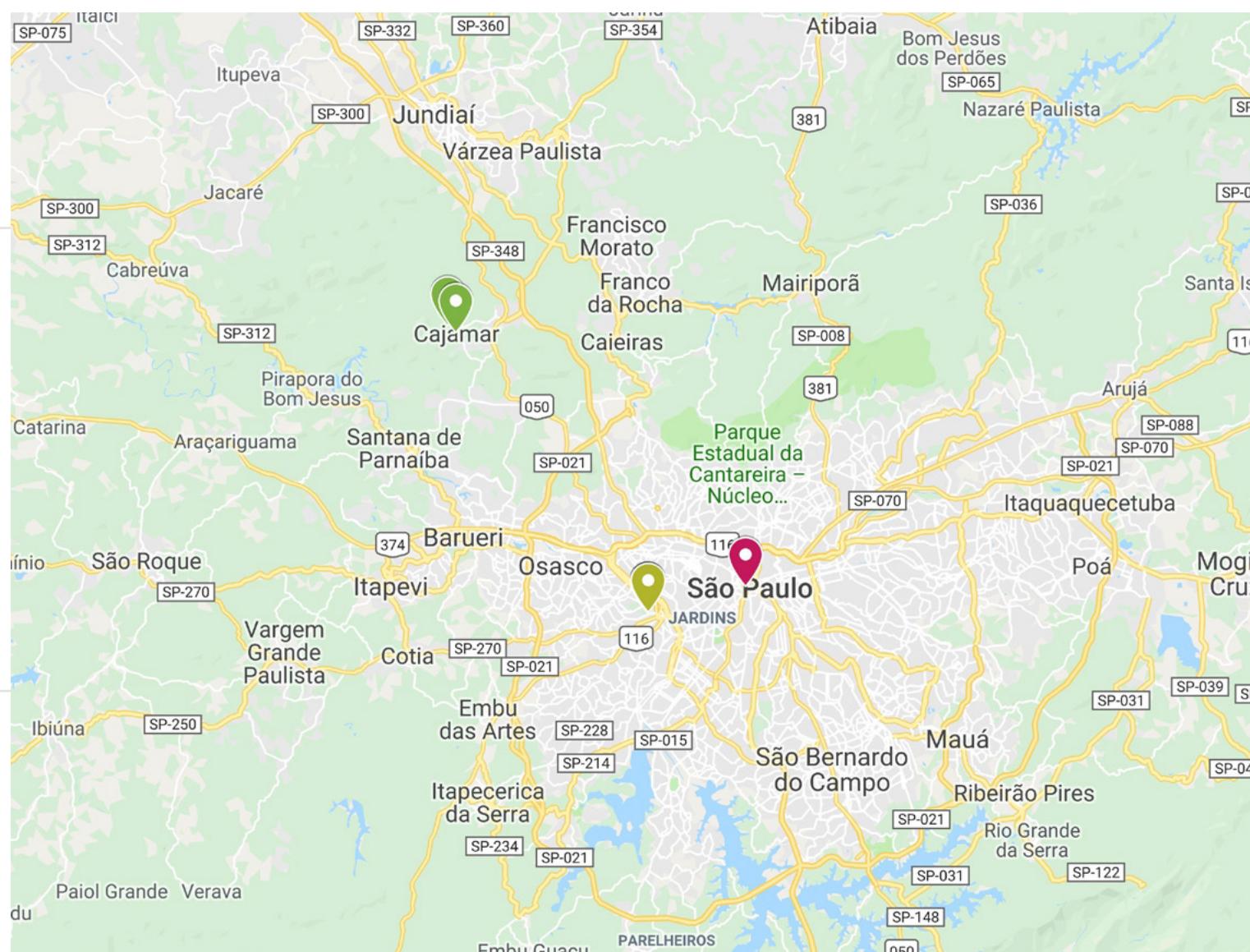


Comedoria Quirim - Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã



Cooperativa de Mulheres Negras do ABC - Lanchonete da Faculdade De Direito - USP

Artesanato



07.

2017 > 2018

7.1 A conjuntura e ações atuais: Fortalecimento no território do Butantã.

Desde 2016 houve uma diminuição drástica do fomento do poder público à economia solidária. A Secretaria Nacional de Economia Solidária deixou de ser Secretaria, passando a um departamento do Ministério do Trabalho e, atualmente, não há sequer Ministério do Trabalho (extinto pelo governo Bolsonaro). Assim, o contexto institucional é de bastante crise, com escassez completa de recursos. O último edital de fomento às incubadoras saiu em 2017 (PRONINC 27/2017) e a ITCP-USP foi contemplada permitindo a continuidade de suas ações. Além disso, a própria universidade instituiu, desde 2015, um programa de bolsas vinculados a permanência estudantil, que podem ser acessadas pelos professores e permitem aos alunos remuneração para dedicação de dez horas semanais a projetos. É a partir destes recursos que a ITCP-USP mantém suas atividades.

Dentre as atividades atuais construiu-se o processo de sistematização da experiência de 20 anos da ITCP-USP (aqui apresentado). Este envolveu: a) um levantamento bibliográfico dos documentos, texto, teses, artigos entre outros, produzidos pela ITCP ou sobre ela; b) pesquisa e formação da equipe sobre a metodologia de sistematização c) desenvolvimento de plano de sistematização, abrangendo revisão da linha do tempo, entrevistas com antigos formadores e empreendimentos, reflexão coletiva acerca dos principais aprendizados e desafios encontrados e d) sistematização deste processo nesta publicação.

Outro foco das atividades foi o fortalecimento da parceria com o Ponto de Economia Solidária e Cultura do Butantã. A partir desta parceria foi dada continuidade à incubação de empreendimentos de Economia Solidária:

a Comedoria Quiririm, a Livraria Louca Sabedoria e o grupo de consumo de alimentos orgânicos. Estes trabalhos possuem uma grande especificidade, já que os empreendimentos são compostos por usuários da saúde mental, técnicos do sistema único de saúde e jovens que estão em situação de liberdade assistida.

Outro empreendimento incubado neste período foi de objetos, móveis e estruturas em bambu produzidos por mulheres em Cajamar-SP e ligado ao curso de extensão universitária desenvolvido pela ITCP-USP em parceria com a FAU-USP (Bambuzeiras), já mencionado anteriormente. A continuidade desta ação está vinculada à parceria com o Movimento Sem Terra, que também ocorre a partir de ações voltadas ao fortalecimento das iniciativas de comércio solidário já existentes na Zona Oeste de São Paulo.

Neste âmbito, da logística e comercialização dos produtos da agricultura familiar e agroecológica, a ITCP firmou a atuação em três frentes: a) apoio à logística de compra e distribuição da cooperativa de consumo responsável Comerativamente³⁰, especificamente da compra das produtoras mulheres do Vale do Ribeira-SP que é realizada conjuntamente por uma rede de grupos de consumo da cidade de São Paulo e; b) o apoio à logística de distribuição e comercialização de cestas de produtos agroecológicos provindos da agricultura familiar e de comunidades rurais do eixo Ananguera-São Paulo. Esta ação se desdobrou com a realização e acompanhamento na comercialização dos produtos em feiras que ocorrem no Butantã, como a Feira da Associação de Mulheres da Economia Solidária (Amesol) que ocorre mensalmente no Ponto de Economia Solidária, a Feira Agroecológica e Cultural de Mulheres do Butantã, organizada pela ITCP e Nesol em parceria com a Associação Nacional Reggae – Portal RAS e feiras em diversos SESC.

Grupo de consumo já citado anteriormente, formado em 2007 por integrantes da ITCP e outros coletivos. [30]

De forma geral, as ações atuais são de fortalecimento do território do Butantã, como espaço de formação e comercialização dos produtos da Economia Solidária e Agricultura Familiar. Neste sentido, a ITCP desenvolveu durante 2017 em conjunto com o Ponto de Economia Solidária do Butantã e outros atores do movimento, a *Escola de Economia Solidária*, em que foram realizadas formações mensais e uma homenagem ao Professor Paul Singer.

Além destes projetos, a ITCP seguiu realizando anualmente os Cursos abertos de Introdução à Economia Solidária e, em 2017, foi desenvolvido um projeto de *Formação IFSP*, para funcionários, docentes e técnicos do Instituto Federal no Estado de São Paulo (IFSP). Este teve como objetivo auxiliar a constituição de um Programa de Extensão em Economia Solidária, concebido pelo IFSP em conjunto com o NESOL e a ITCP-USP, a partir de formações/debates/oficinas em economia solidária; estruturando as ações de extensão de Economia Solidária nos vários campi do Instituto Federal de SP. Participaram deste curso, aproximadamente trinta servidores, representando 10 *campi* no estado e a Reitoria de Extensão.

7.2 O Futuro?

O futuro da economia solidária está completamente vinculado aos movimentos sociais brasileiros, especificamente àqueles ligados aos estudos e práticas do trabalho associado, cooperativo e autogestionário. Definida pela antiga Secretaria Nacional de Economia Solidária como um “conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo e crédito organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras sob a forma coletiva e autogestionária” (SENAES, 2006, p. 11). A Economia solidária tem se apresentado como uma alternativa viável de transformação econômica, na medida em que viabiliza a continuidade dos pequenos agricultores na terra e a produção de grupos na cidade, fortalecendo redes e cadeias produtivas, além do comércio direto entre produtores e consumidores. Nesse contexto, os movimentos sociais, a igreja, prefeituras e ONGs sempre tiveram e têm ainda um papel fundamental pois fomentam e dão apoio às alternativas de organização dentro dos valores da economia solidária.

A ITCP-USP, bem como as demais ITCPs, enfrentam inúmeros desafios. A partir de 2017, dois fatores importantes modificaram o ambiente que envolvia a ITCP nestes 20 anos de existência. O primeiro, um governo que - substituindo o eleito democraticamente-, virou em 180 graus o plano de políticas públicas, inclusive o de Economia Solidária que recebe apoio governamental desde 1998, congelando praticamente todos os programas sociais do governo federal. Houve, em 2017, pela inércia, ainda, um apoio federal ao PRONINC via CNPQ, mas com uma redução de mais de 70% dos recursos tradicionalmente administrados pelos governos anteriores para o apoio às incubadoras de economia solidária.

Existe, portanto, uma nítida paralisação das políticas públicas destinadas à economia solidária. Neste final de 2018 -, não existe nenhuma narrativa que dê esperança de continuidade, olhando-se por este lado institucional. A fecunda Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) – instituída em 2003 e coordenada desde então pelo Professor Paul Singer, residente durante mais de 15 anos no Ministério do Trabalho e Emprego – foi transferida para o Ministério da Cidadania na subalterna posição de Departamento de Economia Solidária.

Por outro lado, em 2018, se iniciou uma nova administração na Universidade de São Paulo, onde vale destacar a implantação de uma área de extensão denominada de *USP Comunidades*, vinculada à Pró Reitoria de Cultura e Extensão, abrigando uma série de programas de extensão da USP além da ITCP-USP, como o USP-Legal (Pessoas com deficiências); Avizinhar (Relações com a comunidade do entorno); Terceira Idade (programas com maiores de 60 anos); USP-Escola (Formações de professora(s) da rede pública de ensino); Giro Cultural; USP e as

profissões; e o Programa Nascente. Esta reorganização tende a potencializar o desempenho da extensão na USP, pois já contamos com diversas ações de apoio e fomento, como as bolsas Programa Unificado de Bolsas (PUB) e editais de projetos sociais, além do apoio estrutural permanente à ITCP, com despesas gerais e muitas vezes de apoio à viagens e congressos.

Outra sinalização alvissareira desta nova administração universitária – ainda em minuta - , institui as normas e disciplinas para integralização de créditos de Atividades Acadêmicas Complementares (AAC) nos currículos dos cursos de graduação da USP - o que trará maior participação da comunidade USP nos projetos de extensão, dando mérito acadêmico tanto a alunos quanto a professores e colaboradores participantes da extensão universitária da USP.

Em relação à atuação da ITCP-USP, apesar do contexto político de corte de recursos públicos e políticas de fomento à economia solidária, vemos, atualmente, uma articulação potente e madura (que também é fruto de mais de uma década de investimentos das políticas econômicas e sociais) de entidades e grupos que desenvolvem ações no território do Butantã, ligadas à economia solidária, tanto a partir da saúde mental, quanto da economia feminista, da agroecologia e agricultura familiar.

Destacamos a seguir a sistematização de algumas reflexões e temas importantes, realizadas nos encontros de retomada do histórico de 20 anos da ITCP-USP e que marcaram a trajetória da ITCP:

08.

Temas transversais

8.1 A incubadora e as Políticas Públicas

Inicialmente, para discutir este tema é necessário apresentar a concepção de políticas públicas e a diversidade de políticas com as quais atuamos. Entendemos as políticas públicas tanto aquelas vinculadas às ações de governos específicos (mesmo que não possuam continuidade), quanto às políticas que se mantêm, apesar da troca de governantes (como às voltadas à extensão universitária).

De forma geral, no decorrer desses vinte anos participamos da formulação de políticas que envolveram os temas da geração de trabalho e renda, especificamente no âmbito da economia solidária e do cooperativismo, e da extensão universitária.

Estando dentro da universidade e num projeto de extensão, um primeiro campo de políticas a ser destacado são as voltadas a promover as ITCPs enquanto instituições que realizam ao mesmo tempo 1) formação de estudantes, a partir da união entre pesquisa-ensino-extensão ligado à economia solidária e 2) ações de fomento à economia solidária fora da universidade. Tal nos coloca como agentes da construção da extensão universitária dentro da universidade (pouco considerada ainda, dentro da carga horária e reconhecimento acadêmico³¹) e também da luta por políticas nacionais de fomento à economia solidária, como o PRONINC (Programa Nacional de Apoio às ITCP), que existe desde 1998.

Em relação às políticas públicas voltadas à promoção da economia solidária, a ITCP participou ativamente em diferentes âmbitos: federal, estadual e municipal. Essa participação ocorreu de duas formas: 1) a partir da atuação nos Fóruns nacional, estadual e municipal de economia solidária e 2) como instituição contratada pelos

Na perspectiva da universidade, enquanto política pública, um dos grandes desafios é a disputa pelo projeto de extensão universitária. Uma das maiores dificuldades é o pouco envolvimento dos professores e alunos com a extensão.

[31]

agentes do Estado para implementar políticas, ou indiretamente, a partir de estudantes formados na ITCP que foram contratados individualmente para tal.

Em relação à contratação da ITCP e Nesol pelos agentes do Estado, sobretudo prefeituras, um dos grande desafios colocados foi encontrar uma posição intermediária, nem dentro demais do Estado, nem encastelado na universidade, uma posição difícil de encontrar. Outro grande desafio deste tipo de trabalho foi relativo à escala, o que fez com que o Nesol e ITCP refletissem que não é seu papel implementar as políticas de economia solidária nos municípios, pois não temos capilaridade e estrutura para as demandas do Estado nesta forma de terceirização das políticas. Nosso papel estaria mais próximo a uma assessoria, tendo, porém, o potencial de fazer um trabalho mais completo, também divulgando, sistematizando e multiplicando as experiências. A sistematização e publicização dos processos é central para a autogestão e evita que pessoas cometam erros que já foram feitos.

No âmbito do movimento de economia solidária, os Fóruns são um instrumento da sociedade para refletir e formular suas estratégias de luta. Também podem ser entendidos como espaço central na perspectiva da política pública, enquanto atores que avaliam e demandam as ações do Estado. Esta relação depende de que demanda é essa e que Governo é esse com o qual agora dialogamos.

Enquanto integrantes do movimento de economia solidária, estivemos envolvidos em uma dupla função: 1) a construção da identidade do movimento, que também envolveu refletir sobre a relação com o Estado (parte dos integrantes do movimento estava na Senaes e, também, fazem parte do movimento gestores públicos dos municípios) e 2) construção enquanto sujeito político que demanda políticas específicas. Desse ponto de vista, enquanto movimento, temos o papel de disputa por narrativa e recursos, de luta por políticas públicas. Mas, parece que o próprio movimento de economia solidária possui um repertório curto de lutas e isso também está relacionado ao Fórum Brasileiro (FBES) ter se construído junto com a Senaes. Outra questão pertinente é nos perguntarmos se perdemos a cultura de luta por que estávamos dentro do estado nos últimos governos? No contexto atual, precisamos voltar para os lugares de mobilização.

Em um sentido mais amplo, a conjuntura atual e as políticas parecem algo fora de nosso controle. Todas as nossas conquistas são muito frágeis em face ao grande capital. É importante entender quem são os atores: estados nacionais, sociedade civil, grupos econômicos transnacionais, etc. e como funciona o cooperativismo e a economia solidária na escala macro-econômica para superar esse desafio de construir políticas só de governo,

que não tem permanência após a mudança de gestão.

Atualmente, estamos num processo de resistência. Nossa derrota política com o atual governo, se manifesta em vários âmbitos. Na USP, por exemplo, há uma hegemonia do pensamento neoliberal, que está fechando a creche e o hospital universitário porque não estão no regimento da universidade. No processo de resistência precisamos ter uma rigidez no princípio e flexibilidade na prática. É fundamental não perder os princípios.

Nestes vinte anos foram inúmeras as políticas construídas das quais participamos, atuamos e que fortaleceu a economia solidária como projeto para a sociedade. Se antes dos governos de Lula e Dilma, os movimentos sociais estavam bem mobilizados e acreditavam que a partir do Estado conseguiriam mais conquistas. Um dos pontos que não houve avanço foi a própria reforma do Estado, agora estamos num processo de resistência e fortalecimento dos sujeitos no território e que sustentam os princípios da economia solidária.

8.2 Desafios da autogestão dentro da Universidade

A ITCP - USP manteve durante estes 20 anos a autogestão como princípio de organização e prática interna. Assim, todos integrantes da ITCP, especialmente os alunos, estiveram e estão envolvidos diretamente nos processos decisórios e nos espaços coordenação e representação, diferenciando-se em relação a muitas das ITCPs. A Incubadora tem buscado construir uma experiência radical de autogestão na universidade, envolvendo funcionários, professores e alunos. Isto permitiu que os alunos, ao tempo que estiveram envolvidos com trabalho cotidiano com os grupos incubados, também participassem da elaboração das propostas e metas gerais da ITCP, dos processos e construção dos projetos de financiamento, das propostas para os diversos âmbitos de atuação da Incubadora, quer como movimento das ITCPs, que gerou a Rede de Incubadoras, quer para o movimento nascente da Economia Solidária, como a construção do Fórum Brasileiro de Economia Solidária, quer como a contribuição na geração de Políticas Públicas, como na construção e fortalecimento da SENAES e assemelhadas nos Estados e Municípios.

A escolha da autogestão exigiu uma adaptação para a relação dentro da Universidade, na medida que a estrutura universitária, nas suas várias instâncias, só reconhece como interlocutores os docentes, ou em alguns

casos funcionários. Deste modo, a ITCP optou por escolher um coordenador acadêmico que atuava junto com a coordenação eleita, em geral composta por alunos. Esta adaptação foi necessária para manter a ITCP como projeto de extensão universitária, o que de certo modo trouxe fragilidades na experiência da autogestão.

A rotatividade dos formadores da ITCP, aparece como outro dos grandes desafios dessa experiência. Como construir a autogestão em um espaço em que há mudanças constantes no grupo? Quem decide o que? Esta questão foi encarada de forma diferente pelas gerações. De forma geral, a divisão do trabalho entre novos e velhos, ou seja, em cada tarefa a ser executada estavam presentes novos e velhos formadores, possibilitou a continuidade dos trabalhos, porém, sempre houve uma grande tensão expressa na frase falada por muitas gerações de que na ITCP se estava constantemente “reinventando a roda”.

A possibilidade de criação e experimentação em um espaço tão aberto são imensas, porém entra em choque com a necessidade de fortalecer e estruturar os trabalhos e parcerias desenvolvidas e de levar a cabo os propósitos dos diversos projetos que a ITCP estava envolvida. A decisão de manter alunos-formadores que haviam terminado o curso de graduação, ou integrar formadores não alunos da USP, permitiu a permanência de mais pessoas na ITCP e uma maior qualificação dos trabalhos, assim como fortalecer a formação de novos estudantes para o espaço, uma das metas fundantes da Incubadora. O debate sobre a remuneração dos formadores, da coordenação permeou um debate interno todo estes anos, e a cada período de renovação da coordenação, e em função de recursos disponíveis, as decisões eram novamente consensuadas.

Na construção desta autogestão, também aparece como central o processo de formação de novos formadores. Diversas turmas ressaltaram a importância deste momento de entrada, o contato com a educação popular (que não era conhecida pela maioria dos alunos) e a experiência de entrar na ITCP como uma turma de novos, recebida por uma turma de velhos. Embora o processo de formação seja uma atividade contínua dentro da Incubadora, a preparação e integração de novos formadores ocorre a partir de uma atividade de imersão e vivência, e se constitui num momento de reflexão e sistematização da produção e da prática da ITCP até aquele momento. Anualmente, foi oferecido um curso de Economia Solidária e de inscrição de novos formadores.

No que se refere à formação específica para a autogestão, também destaca-se a própria experiência de gestão da ITCP, de participação nas assembléias. O aprendizado das deliberações e discussões em coletivo, da escuta, do dissenso. Esta gestão coletiva envolve não somente o trabalho-fim que cada um pratica (como a incubação de determinado grupo), mas a gestão da própria instituição, a captação de recursos, as escolhas

estratégicas, etc.. Esta vivência exige muita disposição a este tipo de organização, em muitos momentos de avaliação aparecem relatos sobre a ausência de um chefe, como um grande desafio e da necessidade de intermediação de conflitos.

O papel de funcionários e dos professores no trabalho também trazem contradições e complexidades. Ambos não têm sua remuneração dependente dos recursos da ITCP e também respondem a outras instâncias de decisão da Universidade, o que gera maior diversidade para a gestão da autogestão e acordos em cada momento. Também exercem funções institucionais, funcionais e de diálogo com instâncias institucionais, representando decisões do coletivo.

Outro tema que gerou muito debate é acerca de qual o papel da ITCP- USP e também do conjunto das ITCPs. Ou seja, esta tem como central em sua atuação ser um projeto acadêmico de extensão universitária voltado para formação de trabalhadores e estudantes, o que traz diversas implicações e questões, como: Qual seu papel atuando como um projeto de fomento à economia solidária, formação de base ou apoio à entidades que fazem esta formação? Qual seu papel e responsabilidades na geração e implementação de políticas públicas, como assessoria ou como implementador da política? Qual seu papel no movimento de economia solidária? Estas questões ocuparam muitas gerações, mas não impediram que a ITCP tivesse uma ampla e diversa atuação, tendo também como foco a formação de estudantes.

Outro desafio trazido pela radicalidade da autogestão foi a realização de um trabalho técnico por estudantes, que não são profissionais permanentes da ITCP, e que precisam se apropriar do conhecimento necessário para a formação e incubação dos grupos. Esta formação já é, em si, um grande desafio, já que os grupos são formados por trabalhadores precarizados, sem recursos e trabalhando em autogestão. O enfrentamento a estes desafios mostra a vitalidade do conhecimento sistematizado. Porém, estes problemas não foram resolvidos, sobretudo a grande dificuldade de trabalhar a viabilidade econômica com os grupos, tanto pelas diversas vulnerabilidades em que estão inseridos, quanto pela falta de conhecimento disponível aos formadores.

Se, por um lado, há uma frustração em diversas gerações de formadores em relação ao trabalho com a viabilidade econômica dos grupos, o que não é sentido em relação à ITCP enquanto espaço de formação de estudantes. Tal formação gerou diversos debates aprofundados com reflexões sobre a importância de definir os limites de trabalho para não gerar frustrações por não conseguirem fazer o que estava além de seus alcances. Por exemplo, grande parte dos empreendimentos não precisa só de formação, mas também de acesso a capital e

outros tipos de recursos que não são possíveis institucionalmente prover. Tendo a clareza dos limites do trabalho, foi possível desenvolver diferentes metodologias e metas do trabalho com os grupos.

Para além do papel da ITCP, outro tema que se intensificou nos últimos anos foi sobre o perfil do formador. Este tema foi discutido mais amplamente no debate sobre a própria democratização da universidade, que se intensificou a partir das propostas e implementação de cotas raciais e socioeconômicas. De forma geral, o coletivo da ITCP tem refletido como enfrentar a discussão sobre as desigualdades dentro da sociedade e na universidade, assim temos dois desafios: aprofundar a reflexão sobre a diferença entre direitos e privilégios e entre justiça e mérito. A questão das cotas aparece como fundamental para a universidade e também para a incubadora, porém não podemos ignorar a importância da afinidade em relação aos propósitos e práticas da ITCP como critério fundamental para a participação. Assim, a própria ITCP acabou por adotar o critério de cotas combinado ao de afinidade com o projeto, pois esta demanda um envolvimento que não é pró-forma ou tarefeiro, mas ativo, de construção e engajamento.

8.3 A viabilidade econômica nos grupos e da própria ITCP

O tema da viabilidade econômica apareceu como um dos grandes desafios destacados, tanto para os grupos, quanto da própria ITCP. Em todos os períodos foram relatadas as experiências de “fundo solidário” (quando a incubadora ficava sem recursos, ou eram muito escassos), sempre descritas como momentos muito desgastantes, nos quais se discutiu coletivamente o quanto as pessoas precisavam ganhar para viver, o que também envolveram muita responsabilidade e desgaste do coletivo. Nesse sentido, a viabilidade econômica da ITCP sempre foi muito frágil, dependendo de editais públicos para sua continuidade.

Esta viabilidade frágil da ITCP tem grande impacto no trabalho com os grupos. Os processos formativos demandam tempo e recurso, que são muitas vezes maiores que os disponíveis a partir dos projetos. Foi levantado que temos uma defasagem estrutural, reinventamos a roda a todo momento e isso faz com que o tempo para os grupos seja muito mais lento, aliado a fragilidade econômica dos grupos. Existe uma grande dificuldade

em transmitir as experiências, com a rotatividade de pessoas, a necessidade de implementar metodologias e conhecimentos necessários ao trabalho e pouco aprofundado nos cursos acadêmicos.

Na ITCP, partimos da premissa de que só é possível trabalhar a autogestão com os grupos se praticarmos autogestão; uma das questões surgidas no resgate dos vinte anos é se esta máxima também se aplica à viabilidade econômica? Neste sentido, a ITCP não é um empreendimento, mas precisa ter viabilidade. É um espaço de transição/passagem dos alunos (como a própria universidade) e é difícil o espaço fazer sentido para quem se formou. Foi a partir desta dificuldade que o NESOL se estruturou, como espaço de permanência para os formados. Se for possível fortalecer a ITCP como um espaço de pesquisa, é possível que os estudantes fiquem por mais tempo. Porém, não conseguimos avançar na institucionalização de um núcleo acadêmico voltado à economia solidária dentro da universidade.

Os atores que tem a maior possibilidade de permanência são os professores e a luta é para que o trabalho de extensão seja reconhecido dentro na universidade em suas cargas horárias e pontuações, para que amplie e diversifique a participação dos professores.

Para além da permanência dos professores e ex-alunos, como fatores de aumento da viabilidade da ITCP, ela também depende das políticas públicas. Os editais, o PRONINC, PROEXT, etc, são fruto de pressão e articulação política. Essa é uma luta que precisamos fazer constantemente para termos viabilidade e as ITCPs no seu conjunto seguir existindo.

Em relação à viabilidade dos grupos são inúmeros os fatores que dificultaram. Um dos pontos de desafio central no trabalho com a economia solidária é a necessidade de formação básica. Muitos trabalhadores não têm apropriação da escrita e matemática, assim, existe uma parte importante do trabalho que é de exercício de registros, leitura de tabelas e outras noções básicas. Porém, esta formação demanda tempo e as necessidades dos grupos são imediatas, além disso, a ITCP também não conseguiu constituir estratégias duradouras para responder a esta demanda por formação básica, como a articulação institucional com algum projeto de formação de EJA. Este é um desafio central no trabalho com a viabilidade.

Os projetos nos quais a ITCP desenvolveu que envolviam o trabalho com os grupos não permitiam o repasse de recursos para estes e, juntamente com a dificuldade de comercialização, foram entraves graves e permanentes para a viabilidade econômica.

Para além desta formação básica o trabalho da viabilidade econômica também requer o levantamento de informações a este estudo, como: os custos fixos, custos variáveis, investimento, margem de contribuição dos produtos, ponto de equilíbrio, entre outros conceitos que ajudam a realizar um planejamento da produção e também das vendas. Realizar este estudo e planejamento também foram desafios do trabalho, assim, como pensar uma comunicação e divulgação apropriadas aos grupos.

Dentre as discussões que realizamos, uma delas foi de que a ITCP trabalha não somente a geração de renda, mas também o fortalecimento de uma rede de apoio mútuo entre trabalhadores. O Ponto de Economia Solidária, por exemplo, atua nesse sentido, a partir dele as pessoas têm acesso também a uma rede de sociabilidade. Tem muitos grupos que não geram muita renda, mas formam uma rede. De forma geral, para muitos grupos a economia solidária aparece como uma forma de complementar a renda. Existe pouca oferta de trabalho e esta é principalmente no mercado informal precarizado. A complementação de renda é o paradigma do mundo do trabalho atual, pois não existe mais plano de carreira.

Uma questão fundamental do trabalho da ITCP em relação à viabilidade econômica, foi que esta nunca foi concebida como dissociada da formação política. Porém, a maioria dos grupos entrou em contato conosco buscando a sobrevivência no mercado econômico e não a formação. Nosso trabalho sempre foi o de mostrar a relação entre ambas e o trabalho a partir da construção de redes econômicas trazia concretamente esta relação.

Vale apontar uma outra questão relativa ao trabalho com geração de renda é que, ao longo da história da ITCP, foram as experiências e iniciativas dos ex-formadores com a geração de renda, participando de entidades de assessoria como Anteg e Instituto Kairós, e as Cooperativas Verso e Integra, formadas no início dos anos 2000 e atualmente em diversas experiências de comercialização de produtos agroecológicos que contribuem para divulgação e ampliação da economia solidária.

Realização



Apoio





